



**DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA,
REVISÃO E REDAÇÃO**

SESSÃO: 185.4.55.O

DATA: 12/07/18

TURNO: Matutino

TIPO DA SESSÃO: Extraordinária - CD

LOCAL: Plenário Principal - CD

INÍCIO: 9h35min

TÉRMINO: 13h08min

DISCURSOS RETIRADOS PELO ORADOR PARA REVISÃO

Hora	Fase	Orador

Obs.:

Ata da 185ª Sessão da Câmara dos Deputados, Extraordinária, Matutina, da 4ª Sessão Legislativa Ordinária, da 55ª legislatura, em 12 de julho de 2018.

Presidência dos Srs.:

Izalci Lucas, Celso Pansera, nos termos do § 2º do artigo 18 do Regimento Interno.



I - ABERTURA DA SESSÃO

O SR. PRESIDENTE (Izalci Lucas) - Declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus e em nome do povo brasileiro iniciamos nossos trabalhos.

II - LEITURA DA ATA

O SR. PRESIDENTE (Izalci Lucas) - Fica dispensada a leitura da ata da sessão anterior.

III - EXPEDIENTE

(Não há expediente a ser lido.)



O SR. PRESIDENTE (Izalci Lucas) - Passa-se à

IV - COMISSÃO GERAL

O SR. PRESIDENTE (Deputado Izalci Lucas) - Sras. Deputadas, Srs. Deputados, neste momento, transformo a sessão plenária em Comissão Geral, com a finalidade de debater o tema *Marcha para a ciência: o presente e o futuro do setor de ciência e tecnologia no País*.

Sobre a mesa acha-se à disposição dos Srs. e as Sras. Parlamentares a folha de inscrição destinada a quem queira fazer uso da palavra. O tempo reservado a cada um dos expositores estará limitado a 5 minutos. Em seguida, falarão os Srs. Líderes de partido, pelo tempo de 5 minutos. Os demais Parlamentares falarão a seguir, pelo tempo de 3 minutos, conforme a ordem de inscrição.

O Presidente Rodrigo Maia não pôde estar presente. Passo a ler as suas palavras:

“Sras. e Srs. Deputados, neste momento, a sessão plenária da Câmara dos Deputados é transformada em Comissão Geral, para debater a situação atual das atividades de ciência, tecnologia e inovação no Brasil.

Ao saudar, pois, a marcha em defesa da ciência e tecnologia, parablenho o ilustre Deputado Celso Pansera, que propôs esta discussão, agradecendo aos convidados a presença. Estou certo de que trarão valiosa contribuição ao trabalho legislativo.

Estamos vivendo um momento de grande mobilização política. O esperado início das campanhas eleitorais aproxima-se. É oportunidade singular para colocar em debate as perspectivas da ciência e da tecnologia em nosso País.



Nos últimos anos, vivemos um expressivo avanço institucional, que serve de estímulo às atividades acadêmicas, graças à aprovação e à implantação do Código de Ciência, Tecnologia e Inovação, gestado e aprovado nesta Casa.

Esse texto, Lei nº 13.243, de 11 de janeiro de 2016, representou um avanço na cooperação entre entes públicos e privados, entre academia e setor produtivo.

Graças a suas disposições, será possível, nos projetos de pesquisa, completar o ciclo de vida do conhecimento, garantindo sua aplicação a bens, serviços e programas sociais que interessam ao Brasil e aos brasileiros.

A lei foi regulamentada em fevereiro deste ano de 2018. Resultou de ampla coordenação entre instituições de pesquisa, entidades representativas da comunidade científica e do empresariado, legisladores e o Governo.

Por outro lado, sabemos dos desafios que a pesquisa científica e tecnológica vem enfrentando, em decorrência das limitações de recursos públicos. A necessidade de ajustes nos gastos do Governo impactou a viabilidade de importantes projetos e retardou o avanço de outros tantos.

Esses e outros temas de debate foram externados pelas Deputadas e Deputados que mantêm uma agenda de proteção à ciência e à tecnologia produzidas no País.

No momento em que a Nação se debruça sobre a campanha presidencial e a agenda eleitoral ganha corpo, a discussão sobre a ciência e tecnologia reveste-se de redobrada importância.

É preciso assegurar, desde já, a qualidade e a continuidade da pesquisa e do desenvolvimento tecnológico. Do seu avanço dependem a melhoria da qualidade de vida dos brasileiros e os ganhos de produtividade de que tanto precisamos.



Destaque-se, também, que a dotação orçamentária que o próximo Governo terá em mãos será decidida por este Congresso nas próximas semanas. Dar à ciência e tecnologia a prioridade que merece e a garantia de continuidade no desembolso do seu custeio é mais uma missão para o setor e seus representantes.

Desejo a todos, portanto, sucesso nos debates que ora se iniciam. A riqueza das contribuições será por certo um apoio e um incentivo aos Parlamentares que, em seguidas oportunidades, têm expressado seu apoio ao setor e reconhecido sua importância para o futuro do País.

Muito obrigado”.

Essas foram as palavras do Presidente Rodrigo Maia.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Izalci) - Concedo a palavra ao autor do requerimento, Deputado Celso Pansera, por 20 minutos.

O SR. DEPUTADO CELSO PANSERA - Sr. Presidente, saúdo a todos e todas aqui. Agradeço ao Presidente da Frente Parlamentar de Ciência e Tecnologia, Pesquisa e Inovação, o Deputado Izalci Lucas, a gentileza de fazer a abertura deste evento. Agradeço a presença ao Presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia, Comunicação e Informática, desta Casa, o Deputado Goulart, de São Paulo.

Eu não tenho como agradecer nominalmente a todos que estão aqui a presença, então ao cumprimentar o Prof. Luiz Davidovich, da Academia Brasileira de Ciência, e o Ildeu Moreira, Presidente do SBPC, eu cumprimento todos os presentes, amigos e amigas, pessoas que atuam na ciência brasileira.

Não falarei por 20 minutos, com certeza, farei um breve pronunciamento, pois para mim vale a palavra dos que estão inscritos para falar, que foram convidados pelos partidos e pelas Lideranças partidárias, e também dos Parlamentares e Lideranças partidárias que passarão ao longo desta manhã conosco.

De qualquer forma, já começo agradecendo a presença de todos. Muitos se deslocaram de seus Estados de madrugada para cá, alguns vieram ainda ontem. Não é uma tarefa trivial, sabendo que hoje é o último dia de trabalho desta Câmara antes do recesso. Nas duas últimas noites, fomos até a madrugada votando medidas provisórias que não poderiam deixar de ser votadas até o recesso. Ontem, votamos a LDO, com uma vitória bastante grande da Oposição, que fez um destaque em relação ao congelamento dos salários dos servidores federais e também à impossibilidade de contratação de novos servidores. Ganhamos a votação, o que foi inesperado, mas foi interessante porque o próximo Presidente já



não entrará com essa amarra. Já temos tantas amarras, ao menos essa conseguimos tirar.

Esta é a segunda Marcha pela Ciência. A primeira foi realizada no ano passado e contou com a presença de muitos dos principais atores estatais e do setor privado que atuam no campo da ciência e tecnologia. O mesmo ocorre agora: o plenário da Câmara recebe a todos e a todas para um debate sobre a ciência.

O objetivo fundamental desta Marcha é tornar o tema *Ciência, Tecnologia e Inovação* um dos objetos centrais da atenção do Poder Legislativo federal. Ciência e tecnologia são as bases para o desenvolvimento econômico e social. Dadas a dinâmica do nosso sistema político-partidário e nossa cultura de “produção” de leis, atividades que evidenciem ao Legislativo a importância estratégica da ciência, tecnologia e inovação são fundamentais. Esta Marcha é uma das mais importantes destas atividades, na minha avaliação.

Para não ocupar o escasso tempo que temos, quero salientar três questões que são muito importantes no contexto em que estamos inseridos.

Em primeiro lugar, quero sublinhar a importância do novo marco legal de nosso Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação — SNCTI. Podemos pensar nosso Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação como tendo se iniciado com a fundação do Museu Nacional por D. João VI em 6 de junho de 1818, ou seja, há exatos 200 anos. Como processo social, portanto, histórico, a estruturação do SNCTI é dinâmica e necessita adequar-se às exigências de cada tempo. O novo marco legal é a tentativa de adequar nosso Sistema à realidade contemporânea da sociedade e economia da informação e comunicação. Há muito o que fazer, mas as inovações institucionais apresentadas pela Emenda



Constitucional nº 85, de 2015, pela Lei nº 13.243, de 2016, e pelo Decreto nº 9.283, de 2018, são muito importantes, principalmente considerando as formas com que o Estado brasileiro age no setor.

Apesar de ser inadequado nos restringirmos às questões orçamentárias, como se só financiamento público fosse o que nos importa, não podemos esquecê-las, pois sem dinheiro nada é possível, ou quase nada. Em relação ao financiamento do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação por parte da União, ente da Federação que mais arrecada tributos, aquele vinha em dinâmica crescente até 2013, quando chegamos a uma dotação inicial de 10,11 bilhões de reais para o então Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, um processo crescente.

De lá para cá — podemos anotar a partir de 2014 e acentuadamente a partir de 2015 —, o Orçamento Federal vem sendo reduzido. Em 2018, para ciência e tecnologia, incluindo Comunicações, estão previstos 7,8 bilhões de reais, valor similar ao valor nominal do início da década de 2010, que foi de 7,2 bilhões de reais só para ciência e tecnologia. Então, se considerarmos a inflação de lá para cá e o fato de termos agregado a esse Orçamento as comunicações, podemos dizer que nós recuamos, em valores reais, uma década ou mais nos valores em ciência investidos por parte do Governo Federal.

O cenário para 2019 é pior, pois o Governo propõe um corte linear de 10% no orçamento. O retrocesso é evidente. Em contraposição, o Orçamento de 2018 destinou 1,62 trilhões de reais para pagar despesas com refinanciamento e serviços da dívida, uma inversão total nos valores de uma nação que pretende deixar de ser do futuro para ser um país do presente.



Com o intuito de fortalecer o financiamento público ao setor, nesta Casa está tramitando o Projeto de Lei Complementar nº 358, de 2017, do Deputado Daniel Vilela, que altera a Lei de Responsabilidade Fiscal, vedando a limitação de empenho do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — FNDCT, transformando-o de fundo contábil em fundo fiscal, uma antiga reivindicação do setor. Tramita também o Projeto de Lei nº 5.876, de 2016, de minha autoria, que destina 25% do fundo social composto por recursos do pré-sal para o Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. Se esses projetos de lei forem aprovados ainda nesta Legislatura, o financiamento do Sistema terá reforços de mais de 5 bilhões de reais já para 2019, e acumulará, ao longo dos próximos 10 anos, cerca de 50 bilhões em novos recursos para o setor.

Ontem nós recebemos um parecer do Ministério do Planejamento indicando à Câmara dos Deputados que não devem ser aprovados os dois projetos de lei, porque iriam estourar o teto de gastos previsto na Emenda Constitucional nº 95, de 2016.

Esses dois projetos de lei, tanto o meu, quanto o do Deputado Daniel Vilela, têm condições de colocar no setor, nos próximos 10 anos, novos 50 bilhões de reais, se aprovados neste ano. Nós já conseguimos apoio dos Líderes para votar a urgência desses projetos, mas não conseguimos votá-las ainda. Então, parece-me que a primeira tarefa em agosto que nós teremos com os senhores e as senhoras é a de exercermos uma pressão muito grande sobre esta Câmara, para que nós consigamos votar as urgências e pautar esses dois projetos. As duas urgências estão sobre a mesa do Presidente da Câmara, aguardando acordo de lideranças para votação.



A última questão, que atravessa todas as demais, é a crise do pacto novo-republicano. Passamos por dois processos de *impeachment* de Presidentes da República, hiperinflação, congelamentos de preços, expropriação da poupança, aumento da carga tributária total e concentração do poder de tributar na União. A moeda foi estabilizada e a inflação, controlada. Paralelamente, os acessos aos serviços públicos de saúde e de educação foram universalizados e municipalizados em sua maior parte.

As eleições que se aproximam e seus desdobramentos serão novos testes para nossa democracia, para nossa capacidade de lidar com diferentes perspectivas, prioridades e agendas. Os profissionais de ciência e tecnologia devem agir proativamente nesse pleito, dialogando com os principais candidatos aos Executivos e aos Legislativos, tanto o federal quanto os estaduais. A iniciativa da Academia Brasileira de Ciências de publicar o documento *Ciência, Tecnologia, Economia e Qualidade de Vida para o Brasil: Documento da ABC aos Candidatos à Presidência do Brasil – 2018* merece ser elogiada e replicada.

Creio ser este o contexto geral no qual realizamos essa Segunda Marcha pela Ciência. Muitas outras virão, sem sombra de dúvidas. Os atores públicos e privados que atuam no campo da ciência, tecnologia e inovação têm papel fundamental na formulação de visões sobre que nação queremos vir a ser. Não obstante, as senhoras e os senhores presentes e tantos outros que aqui não estão são muito importantes para a elaboração de estratégias que contribuam para nosso desenvolvimento econômico e social sustentável, partindo do ponto onde estamos nacional e internacionalmente, mas sem esquecer as trajetórias que nos trouxeram



até aqui. Uma revisão crítica e profunda do funcionamento de nossa República faz-se necessária e urgente.

Muito obrigado. (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (Deputado Izalci Lucas) - Antes de passar a presidência dos trabalhos para o Deputado Celso Pansera, eu só quero aproveitar a oportunidade, na condição de Presidente da Frente Parlamentar de Ciência, Tecnologia, Pesquisa e Inovação, para reforçar aqui o meu ponto de vista com relação à condução da ciência e da tecnologia nesta Casa.

Enquanto trabalhamos pela Frente como um partido da ciência e da tecnologia, de forma suprapartidária, nós conseguimos avançar muito. Precisamos — e eu insisto nisso — continuar trabalhando esse assunto da ciência, tecnologia e inovação de forma suprapartidária, porque só assim nós conseguiremos avançar ainda mais.

É evidente que precisamos popularizar a legislação. Avançamos muito nisso, mas ainda no Brasil ocorre a seguinte situação: há lei que pega; e há lei que não pega. Essa aqui precisa pegar e urgentemente. Nós precisamos popularizar, nós precisamos levar ao conhecimento da população a transformação que fizemos nos últimos anos com relação à legislação.

O grande desafio agora é recurso, porque não se faz ciência e tecnologia com discurso. Precisa-se de recurso. E, para ter recurso, nós temos que ter a união de todos os Parlamentares. Precisamos exigir que não haja contingenciamento, precisamos exigir que se pense mais no futuro do País, mas começando agora.

Eu quero aqui parabenizar o Deputado Celso Pansera por essa iniciativa. S.Exa. foi Ministro, é da área de educação e conhece tudo sobre isso. Eu vou presidir agora uma audiência pública que vai tratar da questão do voto impresso, que é outro problema também de tecnologia.



Por fim, quero aqui dizer aos senhores, mais uma vez, que nós precisamos encarar realmente ciência, tecnologia e inovação como uma política de Estado. Espero que nós tenhamos muito sucesso, ao apresentar essas propostas para os presidentiáveis, e que nós possamos realmente ter um Presidente que olhe com mais carinho para a questão da ciência, tecnologia, inovação e pesquisa.

Então, passo a presidência dos trabalhos a V.Exa. e desejo-lhe muito sucesso nesta Comissão Geral.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O Sr. Izalci Lucas, nos termos do § 2º do art. 18 do Regimento Interno, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Celso Pansera, nos termos do § 2º do art. 18 do Regimento Interno.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Agradeço ao Deputado Izalci Lucas, por ter presidido a abertura desta sessão.

Vamos passar à composição da Mesa. Esclareço que nós vamos, ao longo da sessão, mudando um pouquinho a composição da Mesa, porque não temos como contemplar todas as entidades ao mesmo tempo. Então, vamos alterando a composição da Mesa à medida que o evento for acontecendo. Esclareço ainda que a fala dos convidados será na ordem em que os partidos fizeram os convites.

Eu quero de pronto agradecer muito à Mariana, assessora da SBPC — Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, por ter nos ajudado tanto a dialogar com as Lideranças dos partidos para contemplar o maior número de entidades e representações possível aqui no evento. Agradeço também ao Gerson da Assessoria do CNPq — Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e a todos os assessores que atuam aqui na Câmara que nos ajudam no dia a dia. Sem o trabalho deles, seria impossível chegar a este momento.

Além deles, agradeço ao Deputado Goulart, Presidente da Comissão de Ciência e Tecnologia desta Casa, que já se encontra ao nosso lado. S.Exa. tem feito um trabalho louvável, notável, conosco, tem sido um bom parceiro nosso; e ao Deputado Vitor Lippi, de São Paulo, que também atua na Comissão e tem sido um bom parceiro da ciência, da tecnologia e da inovação aqui nesta Casa.

Convido para fazer parte da Mesa o Ildeu de Castro Moreira, Presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência — SBPC (*palmas*); o Luiz Davidovich, Presidente da Academia Brasileira de Ciências e Professor do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ (*palmas*); o Emmanuel Tourinho, Presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições



Federais de Ensino Superior — ANDIFES (*palmas*); o catarinense Álvaro Toubes Prata, aqui representando o Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações — MCTIC, também muito conhecido de todos nós (*palmas*); a minha querida Francilene Garcia, do CONSECTI — Conselho Nacional de Secretários Estaduais para Assuntos de Ciência, Tecnologia e Inovação, representando os Estados (*palmas*); a Nísia Trindade, representando a Fundação Oswaldo Cruz — FIOCRUZ e o setor de saúde, tão importante para a nossa ciência brasileira (*palmas*).

Eu não vi a Flávia Calé, da ANPG. Ela se encontra? (*Pausa.*)

Quando chegar a Flávia Calé, para representar os estudantes da Associação Nacional dos Pós-Graduandos, ela fará parte da Mesa. Ao longo do evento, vamos substituindo algumas pessoas.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Passo a palavra primeiramente ao Presidente da Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática, o Deputado Goulart, do PSD de São Paulo, para fazer a sua fala, porque ele terá de se retirar daqui a pouco em razão de um compromisso.

O SR. DEPUTADO GOULART - Sr. Presidente, nobre Deputado Celso Pansera, que tem feito um brilhante trabalho na Comissão de Ciência e Tecnologia, quero cumprimentá-lo pela iniciativa desta Comissão Geral.

Cumprimento a Deputada Alice Portugal, figura que se destaca pelo trabalho, principalmente na área da educação, e é referência aqui na Câmara dos Deputados para o Brasil em tudo o que tem feito.

Cumprimento o Deputado Vitor Lippi, que é um grande parceiro e amigo da Comissão de Ciência e Tecnologia. Ele foi uma das referências como administrador público na Prefeitura de Sorocaba. Na área de ciência e tecnologia, fez um trabalho fantástico, que é referência para todos os Prefeitos que se dispõem ao bem da coisa pública.

Cumprimento o Deputado Izalci Lucas, que procedeu ao início dos trabalhos desta sessão.

Senhoras e senhores, desejo, inicialmente, em nome da Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática, agradecer ao nobre Deputado Celso Pansera pelo seu esforço para promover esta Comissão Geral.

A realização desta Marcha para a Ciência ocorre em momento importante. Inicia-se o debate sobre o Orçamento de 2019. Devemos assegurar, à pesquisa e à educação superior, os recursos necessários para a condução de suas atividades.



O evento coincide com as comemorações do Dia Nacional da Ciência e dos 70 anos da criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC.

Parabenizo a SBPC por seus 70 anos de atuação em defesa da ciência nacional. Temos contado sempre, na Comissão, com sua representatividade e com seu posicionamento maduro em relação aos temas que interessam ao setor.

Neste ano, a Comissão de Ciência e Tecnologia já examinou questões de grande importância para a comunidade científica.

A pesquisa clínica com seres humanos, tema que envolve grande preocupação ética, teve suas regras atualizadas após amplo debate. Esse projeto de lei, aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, ainda está em exame na Câmara. Deverá ampliar a pesquisa em biologia, fármacos e tratamentos. Acompanhamos com atenção sua discussão aqui na Casa.

Temas que envolvem o uso da tecnologia da informação, como as *fake news* disseminadas pelas redes sociais e o uso da tecnologia de *blockchain* para operações financeiras, também foram debatidos na Comissão.

Um tema que vem ganhando relevância é a mudança na Lei de Informática, com a proposta de novo marco regulatório para essa atividade. Os benefícios da política de informática sobre a pesquisa nacional devem ser preservados. Vamos garantir a continuidade de programas já em andamento.

Estamos examinando, também, formas de incentivar a expansão da Internet das coisas, mediante redução a zero de tributos aplicáveis a dispositivos conectados à rede. Aprovamos, nesta quarta-feira, proposta nesse sentido.



E neste momento, em que se inicia a complexa discussão do Orçamento da União, nossa Comissão defenderá, mais uma vez, a preservação e a ampliação dos recursos para a ciência e tecnologia.

Vamos lutar para garantir os recursos das universidades e institutos de pesquisas.

Vamos lutar para que não haja qualquer contingenciamento desses recursos.

Vamos defender o custeio de projetos de pesquisa prioritários para o País, garantindo a sua continuidade.

Ciência e tecnologia representam nosso passaporte para um futuro de desenvolvimento social e econômico. O Brasil precisa crescer; precisa melhorar sua produtividade; precisa, senhoras e senhores, garantir melhor qualidade de vida a seus cidadãos.

A resposta para esses desafios está na nossa formação profissional, no esforço autônomo de pesquisa, na incorporação de inovações à indústria, nos ganhos de eficiência dos serviços de apoio à população.

Essas são missões para a comunidade científica. Contamos com o apoio de todos para pensar o País e construir os caminhos para seu avanço.

Temos o compromisso de apoiar cientistas e professores, em seu trabalho de construção do conhecimento. Assim o fizemos, quando aprovamos a legislação do setor, em especial o Código de Ciência e Tecnologia. Assim o fazemos, ano após ano, na difícil luta pelos recursos para o setor.

Contem sempre com o nosso esforço para esse permanente desafio.

Quero dizer, como foi dito aqui pelo Deputado Izalci, da importância de a ciência e tecnologia não ter partido. Eu tenho tido o privilégio de presidir esta



importante Comissão, que tem contado com a participação de vários cientistas e de vários Parlamentares vocacionados. Quero colocar a Comissão à disposição de cada um dos senhores e senhoras, para que possamos trazer propostas novas para o conhecimento e para que possamos garantir os recursos necessários para o investimento em pesquisa.

Muito obrigado. Tenham todos um bom seminário. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Presidente Goulart pela presença e pela fala.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Quero registrar as presenças de Enio Pontes de Deus, Presidente do Sindicato dos Docentes das Universidades Federais do Estado do Ceará e Diretor do PROIFES; de Miguel Ângelo Marini, representante da ABECO; de Alex Calheiros, Diretor de Difusão Cultural da Universidade de Brasília; de Luís Antonio Pasquetti, Presidente da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Brasília; de Elisabeth Andreoli de Oliveira, representante da Diretoria da Sociedade Brasileira de Física — SBF; e da Profª Maria Emília Walter, Reitora em exercício, representando a Reitora Márcia Abrahão Moura, da Universidade de Brasília. Agradeço a todos a presença.

Antes de passar a palavra ao próximo orador, quero chamar para compor a Mesa o Prof. Abílio Baeta Neves, Presidente da CAPES. *(Palmas.)*

Passarei a palavra a mais um Parlamentar, o Deputado Vitor Lippi, e depois aos representantes das entidades.

Com a palavra o Deputado Vitor Lippi, por até 5 minutos.

O SR. DEPUTADO VITOR LIPPI - Amigos e amigas, bom dia. Eu quero fazer um breve reconhecimento aqui da importância da ciência, tecnologia e inovação nesses tempos de tantos desafios, de tantas mudanças.

Eu queria começar cumprimentando nosso querido e brilhante Deputado Celso Pansera por esta iniciativa tão importante, que vem no sentido de valorizar os segmentos voltados à ciência, tecnologia e inovação no Brasil. Parabéns, querido Ministro Celso! V.Exa. tem feito a diferença aqui.

Quero cumprimentar todos os Deputados que se empenharam muito para aprovar o novo marco regulatório da ciência, tecnologia e inovação no Brasil, que,



sem sombra de dúvida, é outro patamar de oportunidades de integração da universidade com o setor produtivo do Brasil, com a sociedade brasileira.

Quero cumprimentar os Deputados Izalci, que já nos deixou, Goulart, Alice Portugal e Molon.

Quero cumprimentar também o Felipe Sigollo, do MEC, todo o pessoal do MEC, todos os setores da CAPES, da FINEP, da ANDIFES, da ABRUEM, do CNPq, da SBPC, da ANPROTEQ, do MCTIC, enfim toda essa equipe fantástica.

Quero dizer rapidamente a vocês que hoje nós só temos uma certeza: de que tudo vai mudar cada vez mais rápido. E isso nos cria o desafio enorme de reconhecer que o principal capital de uma nação e de um povo é o conhecimento, que só o conhecimento transforma, que a maior parte do conhecimento está nas nossas instituições, nas nossas universidades. Portanto, viemos aqui dizer para vocês que não existe transformação que não passe pela ciência, tecnologia e inovação.

Porém, nós temos mais um desafio: ampliar os recursos da ciência e tecnologia, valorizá-las ainda mais e ampliar as oportunidades de aplicá-las. O conhecimento, por si só, não transforma. Ele precisa ser aplicado. E nós precisamos valorizar ainda mais as pesquisas de extensão.

Por isso, temos aqui um entusiasmo muito grande, Deputado Celso Pansera, de estarmos trabalhando junto com o MEC, CNPq, CAPES, FINEP, ANDIFES, com a possibilidade de ampliarmos as oportunidades das universidades — e muitas já estão fazendo isso, sabemos do esforço —, para que tenhamos uma valorização ainda maior das pesquisas de extensão e nossos *campi* universitários sejam entendidos como centros de desenvolvimento econômico e social.



Nós temos uma das maiores redes do mundo de *campi* universitários públicos. São 900 universidades estaduais e federais e mais 600 institutos federais de educação — 1.500 unidades que ocupam todo o território nacional. Que bom! Nós queremos apoiar ainda mais vocês, para que possam atuar cada vez mais como centros de desenvolvimento local, como centros de desenvolvimento regional.

Temos que fazer uma grande cruzada, porque os recursos não são muitos, mas precisam ser aplicados em função dos desafios locais. Não há como melhorar a agricultura, a condição do pequeno agricultor, a agricultura familiar, as pequenas empresas, sem o conhecimento. Essas pessoas não estão dentro das universidades, mas precisam desse conhecimento para inovar, para melhorar seus sistemas produtivos. Talvez essa possa ser uma grande oportunidade para ajudar na redução da necessidade do Bolsa Família.

Nós falamos muito das pessoas que recebem e provavelmente vão receber ainda por muito tempo o Bolsa Família. E isso ocorre porque elas não têm oportunidade de acesso a soluções locais, não têm escalas de produção, não têm estudos de logística, não têm orientação para encontrar novas soluções. Só o conhecimento pode transformar.

Então, o nosso apelo aqui, o nosso entusiasmo e o nosso carinho é no sentido de valorizar cada vez mais vocês como a área estratégica de transformação do Brasil, da modernização do Brasil, da busca da eficiência, de podermos levar esse conhecimento que vocês têm em rede. Estamos trabalhando nesse sentido.

Quero agradecer todo o apoio que temos recebido da CAPES, da FINEP, do MEC e de todos os parceiros estratégicos para construirmos juntos, reconhecendo e



fortalecendo vocês, a fim de que possamos criar o melhor ambiente para, a partir das universidades, levar o desenvolvimento local sustentável.

Um forte abraço. Obrigado pelo que vocês têm feito pelo Brasil. E vamos juntos ajudar a construir um País ainda mais forte e mais justo para todos.

Obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Deputado Vítor Lippi.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Agora vou alternar a fala dos convidados com a dos representantes partidários. Estão aqui o Deputado Alessandro Molon, representando a Liderança do PSB, a Deputada Alice Portugal, representando a Liderança do PCdoB, e a Deputada Erika Kokay, pela Liderança do Partido dos Trabalhadores.

Chamo para compor a Mesa o meu querido Marcelo Marcos Morales, representando o Presidente do CNPq. Sei que a Flávia Calé, da ANPG, já chegou. Daqui a pouco vou chamá-la à mesa. *(Palmas.)*

Concedo a palavra ao Prof. Ildeu de Castro Moreira, Presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência — SBPC.

O SR. ILDEU DE CASTRO MOREIRA - Bom dia a todos e a todas.

Inicialmente agradeço aos Deputados e à Comissão de Ciência e Tecnologia por este convite e por realizar esta Comissão Geral. Agradeço, em especial, ao Deputado Izalci Lucas, ao Deputado Goulart, ao Deputado Celso Pansera, que foi o grande organizador e mobilizador desta Comissão Geral.

Agradeço aos Deputados que estão aqui presentes representando os partidos, o Deputado Alessandro Molon, a Deputada Erika Kokay, a Deputada Alice Portugal e outros que eventualmente estiveram aqui.

Quero agradecer muito a todos e dizer da importância de estarmos aqui, neste espaço que representa o povo brasileiro, para discutir uma questão de tal importância.

Quero cumprimentar os colegas das instituições que estão aqui. Não vou mencioná-las porque são várias. É importante termos representantes de sociedades científicas das mais diversas — a SBPC acolhe cerca de 142 entidades científicas



afiliadas — e também de instituições científicas diversificadas aqui presentes, como a FIOCRUZ e outras. Agradeço a presença de todos vocês e das universidades.

Quero dizer que este é um momento muito importante. Nós estamos discutindo o presente e o futuro da ciência brasileira. A SBPC está fazendo 70 anos. Então, também estamos considerando este evento como parte das comemorações que fizemos em 8 de julho, dia do aniversário da SBPC, que também é o Dia Nacional da Ciência e o Dia Nacional do Pesquisador, aprovado por esta Casa, que até então não comemorávamos muito, mas passamos a comemorar este ano e vamos fazê-lo todos os anos futuros. Vamos transformar o 8 de julho em um dia importante de discussão da ciência brasileira junto à sociedade, com a participação intensa da comunidade científica.

A SBPC tem uma trajetória longa. Inclusive, após esta sessão, vamos inaugurar os painéis colocados aqui no Congresso Nacional que resumem a história da SBPC. Não vou me dedicar muito a isso e volto ao ponto central da nossa discussão, que tem tudo a ver com a história da nossa ciência brasileira.

Temos aqui o Kellner, representando os 200 anos do Museu Nacional, uma instituição de grande importância que simboliza a história da ciência brasileira. Embora a conheçamos pouco, ela tem história.

A ciência brasileira, em geral, colocou-se sempre em favor da democracia, da qualidade de vida das pessoas, da melhoria das condições do nosso País, tanto do ponto de vista econômico como do ponto de vista social. É importante resgatar essa história também nesses momentos.

Então, nós vivemos momentos de crise. Não vou mencionar dados, pois todos vocês conhecem muito bem o quadro que vivemos de redução drástica de recursos.



Mas é importante mencionar que nós estamos vivendo uma situação dramática hoje na ciência brasileira. Por isso, é muito importante termos aqui a presença do Presidente da CAPES, do CNPq, da FINEP, agências de fomento fundamentais criadas pela comunidade científica, que, em décadas passadas, mobilizou-se para isso.

Temos orgulho de a SBPC ter entre seus presidentes Anísio Teixeira, que foi um dos grandes mobilizadores da criação da CAPES, que tem tido um papel fundamental na pós-graduação. Então, ela não pode ter recurso reduzido como vem sendo feito. A pós-graduação brasileira, que é um ponto fundamental, ainda pode ser profundamente atingida. Ela precisa melhorar na qualidade, precisa internacionalizar-se mais. Precisamos fazer pesquisas de melhor qualidade e que impactem mais o sistema produtivo e a sociedade brasileira. *(Palmas.)*

Não podemos desmontar o Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, cujo processo está em curso. Muitos Estados — temos aqui a Francilene, do CONSECTI, o CONFAP — estão lutando bravamente para manter também a atividade de ciência e tecnologia, o que é fundamental. Muitos deles estão passando por momentos difíceis.

Então, esse é o quadro geral.

Referindo-nos ao CNPq, o edital universal, que é o edital fundamental, em 2016, teve quase tudo pago, mas não inteiramente. Mas é fundamental que haja o edital universal este ano para os jovens pesquisadores brasileiros. *(Palmas.)*

Os Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia — INCTs são órgãos fundamentais para a ciência brasileira e estão sob questão. Vários deles estão aqui presentes. Esses pontos não podem deixar de ser ressaltados.



Agora, falarei um pouco do futuro. Neste presente tivemos alguns avanços. O marco legal aprovado nesta Casa foi um avanço, mas ele tem que ser consolidado, tem que se transformar em realidade, como disse o Deputado Izalci. E nós temos que construir uma política de Estado para a ciência e tecnologia, evidentemente, suprapartidária, como são as nossas entidades. Mas nós temos que fazer um esforço muito grande para perceber que o futuro do País depende disso.

A academia fez o documento, e a SBPC está finalizando-o. Nós estamos convidando os presidenciáveis que estão nas melhores colocações nas pesquisas eleitorais para a nossa reunião anual em Alagoas, mas vamos mandá-lo para todos os presidenciáveis e também para os candidatos ao Legislativo. Queremos o compromisso com a ciência, a tecnologia e a educação brasileiras dos que querem ser representantes do povo brasileiro. (*Palmas.*) Nós vamos fazer isso neste ano.

E esta carta tem vários itens — não vou repetir todos para vocês, porque já os sabem —, como a revogação da Emenda Constitucional nº 95 (*palmas*), o não contingenciamento do recurso para ciência e tecnologia. Não conseguimos manter isso ontem na LDO, embora para as universidades tenha havido um avanço. Mas este é um ponto fundamental: a recuperação de um patamar que nós tínhamos há 8 anos, 10 anos, além de 2% do PIB, pelo menos nos próximos anos para ciência e tecnologia. Essas são reivindicações fundamentais. E nós temos que fazer um movimento muito grande para a manutenção da educação pública e gratuita.

Nós estamos discutindo agora com o CNE e com o MEC uma revisão da nossa educação básica, em particular da educação científica — e isso tem que ser discutido com as entidades, não pode ser feito em gabinetes fechados —, para



definirmos uma base nacional comum curricular, na qual não constam as palavras “medir” e “experimental”. (*Palmas.*)

Como se pensa em ciência no País, se você não faz investigação na escola? Então, esse é um ponto dramático para a ciência e tecnologia. Todos nós estamos empenhados nisso.

Eu vou terminar, Deputado, porque o meu tempo certamente já explodiu, mas eu queria lembrar as frases de alguns presidentes da SBPC, em alguns momentos históricos, que resgatam essa luta de mais de 7 décadas. O Kellner sabe disso. Nós temos pelo menos 7 décadas na SBPC.

Maurício Rocha e Silva disse que a SBPC não é só dos cientistas, é dos amigos da ciência, das pessoas que gostam e precisam da ciência.

Anísio Teixeira disse que a SBPC é um movimento de auto-organização da ciência brasileira e que a máquina que prepara a democracia é a escola pública.

Segundo Carolina Bori, o desenvolvimento científico e tecnológico é um gênero de primeira necessidade.

Essas palavras nós levamos para a Avenida Paulista, para a Quinta da Boa Vista, no dia 8. Essas palavras importantes são a marca da tradição da comunidade científica brasileira.

Disse Crodowaldo Pavan: *“Todos os países desenvolvidos têm prioridade em educação, saúde, ciência e tecnologia. Tudo o que a SBPC sempre defendeu ardorosamente”*.

De acordo com Sérgio Ferreira, todos os países desenvolvidos têm cidadania. E nós temos o direito e a obrigação de lutar pelo direito individual e social.

Para José Reis, a ciência deve ser livre.



Beatriz, que foi nossa assessora aqui neste Parlamento, disse que o relacionamento com o Congresso Nacional é uma das formas de exercer o pleno direito de cidadania em sociedades democráticas. Nós estamos fazendo isso agora.

Helena Nader, nossa ex-Presidente, sempre presente durante anos neste Congresso na luta pelo marco legal, pela ciência brasileira, afirma que recurso para ciência e tecnologia não é gasto, é investimento.

A última palavra que eu gostaria de trazer é de um grande brasileiro centenário, um grande cientista, José Leite Lopes, que, em 1963, abriu a reunião da SBPC com o discurso intitulado *Ciência empobrecida e tecnologia de segunda classe*. E eu acrescento: economia degradada, desigualdade social elevada.

Viva a ciência! Viva a SBPC! Viva o Dia Nacional da Ciência! Viva a ciência brasileira!

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Muito bem, Presidente Ildeu.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Eu vou passar a palavra ao primeiro Líder partidário, o Deputado Alessandro Molon.

Enquanto o Deputado se aproxima, eu anuncio a presença do Prof. Virgílio José Erthal, representante do Reitor do Instituto Federal Goiano; do Prof. Dr. Gilson Dourado da Silva, Diretor-Geral do Instituto Federal Goiano, *Campus* Urutaí; da Sra. Maria Margaret Lopes, Conselheira da Sociedade Brasileira de História da Ciência; da Sra. Magda Dimenstein, Presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia; e do Sr. André Aureliano de Sousa, representante da Universidade Federal do Amazonas em Brasília.

Obrigado a todos pela presença.

Com a palavra o Deputado Alessandro Molon.

O SR. DEPUTADO ALESSANDRO MOLON - Quero cumprimentar o Presidente, os demais colegas Parlamentares aqui presentes, e dar as boas-vindas a toda comunidade científica que nos honra e nos ilumina nesta manhã na Casa. Muito obrigado.

Sr. Presidente, solicito que o meu tempo de Liderança seja dividido com o Deputado Odorico Monteiro, também do PSB, para que eu não o prejudique e não use mais tempo do que S.Exa. aqui desta tribuna.

Nesses 5 minutos, eu peço licença para cumprimentar todos os membros da Mesa e todos os presentes neste plenário, nas pessoas do Prof. Ildeu, Presidente da SBPC, cujo aniversário de 70 anos é comemorado também nesta sessão; do Prof. Luiz Davidovich, da Academia Brasileira de Ciências; e da Profa. Nísia Trindade, Presidente da FIOCRUZ.



Essa Comissão Geral foi convocada para tratar da Marcha pela Ciência, um movimento mundial, como se sabe, iniciado nos Estados Unidos, em 2017, para debater basicamente dois problemas que a ciência enfrenta naquele país: de um lado, os cortes orçamentários e, de outro lado, o ceticismo diante das evidências científicas manifestadas pelo Governo Trump, especialmente em relação às mudanças climáticas.

Lamentavelmente, são dois problemas graves que nós vemos hoje no Congresso Nacional brasileiro. Refiro-me a isso em razão dos cortes orçamentários que temos visto na ciência. No Brasil, a ciência enfrenta um momento muito difícil, assim como todo o País. Mas esse campo específico, essa área do saber e da vida social brasileira, a ciência e a tecnologia, enfrenta um grave momento no País. Como eu disse, além dos cortes orçamentários, lamentavelmente, há também um certo ceticismo diante do conhecimento científico.

Eu tive a infelicidade de testemunhar isso recentemente, Deputado Vitor Lippi, na Comissão que aprovou o pacote do veneno. Lemos a manifestação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, do Instituto Nacional do Câncer, da FIOCRUZ, cuja Presidente aqui nos honra com a sua presença, e de outras entidades científicas e era como se não estivéssemos dizendo nada; era como não se tratasse de evidências científicas e de descobertas a partir de pesquisas, mas de meras opiniões. Nós líamos os pareceres, as notas técnicas, e nossos colegas diziam: *“Eu não acho isso.”*

O problema do Brasil é que há muita gente achando sem antes ter procurado, como dizia um professor de Direito da UERJ, o Prof. Barbosa Moreira. Os cientistas não acham! Eles descobrem, pesquisam, provam, publicam! E este Congresso



Nacional tem que ser mais sensível a essa voz, em respeito a todo esse trabalho admirável, que deve ser aplaudido pela nossa Casa.

Hoje é o dia de a nossa Casa bater palmas para a ciência brasileira, para as cientistas e para os cientistas brasileiros, que têm resistido bravamente. E é também o dia de pensarmos em que país queremos. Queremos um país que extinga o Ministério da Ciência e Tecnologia e o funda com o Ministério das Comunicações? Ou queremos um país que tenha um Ministério próprio e que aposte nisso como estratégia de desenvolvimento nacional necessária para aumentar a competitividade das empresas, por exemplo, e, portanto, gerar mais desenvolvimento econômico e social para o nosso País? É hora de se entender isso.

Este é um ano eleitoral. É hora de discutirmos que país queremos e qual o papel da ciência para o país que queremos.

Eu quero cumprimentar os cientistas e as cientistas, que não têm desistido, que têm resistido. Vamos fazer deste o ano da virada do nosso País, da virada nas eleições, da virada na ciência. Isso porque, sem ciência, com certeza, não teremos o país que queremos e que podemos ter.

Viva a ciência brasileira! Viva a SBPC! Viva a Marcha pela Ciência!

Vamos reconstruir as condições mínimas de trabalho para as cientistas e para os cientistas brasileiros!

Parabéns, Presidente!

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Deputado Alessandro Molon, do PSB.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Vou passar a palavra para o Presidente da Academia Brasileira de Ciências, Sr. Luiz Davidovich.

Antes, porém, informo que o tempo de fala dos Parlamentares que falam pela Liderança é de 5 minutos, o dos Parlamentares que não falam pela Liderança é de 3 minutos, e o dos convidados, 5 minutos.

A Mesa tem sido bastante condescendente com o tempo, mas, se pudermos nos adequar o máximo possível ao tempo, em função da grande quantidade de oradores que temos hoje, nós agradecemos.

O SR. LUIZ DAVIDOVICH - Um bom dia a todos e a todas.

Eu quero cumprimentar inicialmente o nosso grande Deputado Celso Pansera pela iniciativa de realizar esta Comissão Geral e, em nome dele, todos os Parlamentares aqui presentes.

Quero cumprimentar também meus companheiros e minhas companheiras de luta que estão na Mesa: o Ildeu Moreira, Presidente da SBPC; a Francilene Garcia, Presidente do CONSECTI; a Nísia Trindade, da FIOCRUZ; e o Emmanuel Tourinho, Presidente da ANDIFES.

Tem sido uma luta muito árdua, muito difícil, e nós conseguimos uma vitória graças ao Congresso, que foi o marco legal. Há ainda alguns vetos para serem derrubados, e confiamos que isso vai ser feito.

De fato, nós da Academia Brasileira de Ciências temos essa tradição de, por pior que seja a situação, mantermos a esperança. A nossa esperança não tem a ver com o verbo esperar. É uma esperança que tem a ver com a luta, com a batalha em defesa da ciência e da tecnologia no Brasil.



No pouco tempo que tenho, eu quero falar de três pontos: o primeiro se refere ao Governo; o segundo, ao Congresso; e o terceiro, à sociedade brasileira.

Com relação ao Governo, e muito especialmente à equipe econômica, vale dizer que nós estamos diante de um teto de gastos. Eu sou físico, lido com matemática, com sistemas dinâmicos. Sistemas complexos são imprevisíveis. Então, um teto de gastos com duração de 20 anos é no mínimo uma aberração matemática! É impossível prever o que vai acontecer com País no ano que vem! Isso é mais um artefato dos nossos economistas, que parecem ignorar fatos básicos da matemática.

E há mais ainda: o teto de gastos tem implicado um corte linear no orçamento do Governo Federal, o que significa abdicar da definição de prioridades. E é isso que está sendo feito. E, quando eu digo “abdicar da definição de prioridades”, é porque, ao mesmo tempo em que existe o corte de gastos, não existe incentivo ou investimento, mas existe a preocupação em pagar dívida, pagar os juros e perdoar dívidas.

Se nós pegarmos do trilhão do REFIS 10 bilhões de reais — não é muito — para a ciência e tecnologia, vamos ajudar a aumentar o PIB e, portanto, a reduzir a relação entre a dívida pública e o PIB.

Parece que o Governo que quer reduzir essa relação somente cortando os gastos, mas não está apostando no investimento que outros países estão fazendo, porque sabem que essa é a maneira sustentável de sair da crise.

Enquanto a China aumenta o seu investimento em pesquisa e desenvolvimento para 2,5% do PIB — é o que eles pretendem alcançar em 2020 —, a Europa pretende alcançar 3% do PIB. Os Estados Unidos já estão com 2,7% do



PIB. A Coreia do Sul pretende alcançar 5% do PIB, e o Brasil “patina” em torno de 1% do PIB para pesquisa e desenvolvimento.

Isso é a morte! Isso é transformar a ponte para o futuro numa estrada de alta velocidade em direção ao passado. É isso o que está acontecendo neste País!
(Palmas.)

Quero ressaltar ainda que o investimento é a chave para o País crescer. Não é a única, mas é também uma chave importante para reduzir a desigualdade nacional neste País. O exemplo internacional mostra que ciência e inovação tecnológica são, no mundo contemporâneo, a base, a raiz do aumento do PIB em todos os países que estão apostando em ciência e tecnologia. Temos que apostar nisso para aumentar o nosso PIB, e não simplesmente cortar gastos.

Com relação ao Congresso, tivemos esse grande progresso que foi a aprovação do marco legal, mas há novos desafios, todos eles suprapartidários. Temos esses projetos de leis que foram mencionados pelo Deputado Celso Pansera, muito importantes, o não contingenciamento do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e os 25% do fundo do pré-sal para a ciência.

Atenção para esse contingenciamento do FNDCT: enquanto a arrecadação dos fundos setoriais é de 4 bilhões de reais, o FNDCT recebe menos de 1 bilhão de reais para aplicação. Isso é o que está indo para a FINEP. O resto tem um nome muito simples: desvio de finalidade. Isso é ilegal! Usando um termo que foi usado há pouco, é uma pedalada no orçamento. Você pega dinheiro das empresas para fazer os fundos setoriais e desvia para saudar a dívida pública.



A proposta que várias associações científicas fizeram no ano passado foi de reajustar minimamente o orçamento de ciência e tecnologia aos níveis de 2013 e mais 10%, para começar a recompor esse orçamento e evitar o desmonte da ciência brasileira, o que já está acontecendo no momento.

Os jovens pesquisadores estão deixando o País. Isso é mais ou menos o que ocorre no futebol: os campeões vão para outro lugar, jogam juntos na Copa, mas não participam do treinamento das equipes aqui no Brasil. Na ciência, isso está acontecendo. Os jovens pesquisadores estão deixando o Brasil. Isso é realmente uma política de lesa-pátria; é uma política que desmonta não só a ciência, mas também a indústria, o futuro sustentável do País.

Temos um grande exemplo recente dos Estados Unidos sobre uma possível atuação do Congresso. O Trump mandou para o Congresso Nacional dos Estados Unidos uma proposta de orçamento com severos cortes na ciência e tecnologia. O Congresso norte-americano, uma nação bipartidária, não apenas reverteu os cortes, anulou os cortes, como acrescentou 20 bilhões de dólares ao orçamento de ciência e tecnologia. Está lá a compreensão do Congresso em relação ao papel da ciência e tecnologia no desenvolvimento norte-americano.

Precisamos dessa compreensão no Congresso brasileiro. Precisamos que ele seja sensível e olhe para o futuro do País e não apenas para as próximas eleições.

Essa é uma questão importante que nós submetemos ao Congresso Nacional.

Com relação à sociedade, a questão da ciência e tecnologia vai muito além da comunidade científica. Basta ver que o petróleo do pré-sal corresponde atualmente a mais de 50% da produção de petróleo no Brasil. Poucos anos atrás, o



pré-sal era considerado uma aventura, algo que não daria certo, que seria muito caro. Está aí o pré-sal, graças à ciência brasileira. Isso afeta diretamente a qualidade do trabalho dos trabalhadores desse setor, assim como a qualidade de trabalho dos trabalhadores de outros setores da economia está sendo afetada também pela ciência brasileira na questão da saúde, na questão da segurança do trabalho, na questão da qualidade do trabalho, na questão do uso eficiente da energia. Então, essa é uma questão que não interessa apenas à comunidade científica.

Eu acho que é muito importante envolvermos os sindicatos nesse assunto, para que eles abracem a pauta da ciência e tecnologia no Brasil. Essa não é uma questão somente da comunidade científica. Vamos trabalhar nesse sentido.

Vimos ontem e nessa madrugada o efeito da atuação dos sindicatos. E eles podem pressionar os Parlamentares a recusarem emendas que punem os trabalhadores do País. Então, nós temos que usar esse potencial também e lutarmos juntos contra os cortes para a ciência e tecnologia, que estão destruindo o futuro do País.

Então, estas são as minhas propostas para o Congresso. Espero que aprove os projetos de lei que estão aí, importantes para a ciência brasileira, importantes para o futuro do País. Que abracemos também outros setores da sociedade, de modo que eles possam incorporar essa pauta em suas reivindicações. Vamos juntos pressionar o Congresso, neste ano que é tão importante, é um ano eleitoral, para que aumente o orçamento para a ciência e tecnologia, para evitar que nossos jovens pesquisadores saiam do Brasil, para evitar que se desmonte o futuro do Brasil.



Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Presidente Luiz Davidovich.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - A próxima concessão de palavra será ao Prof. Álvaro Toubes Prata, Secretário de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, a SETEC, do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.

Registro a presença da Sra. Ângela Paiva, Reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; do Sr. Gustavo Balduino, Secretário Executivo da ANDIFES; do Sr. Edward Madureira, Reitor da Universidade Federal de Goiás — é um prazer em tê-lo aqui; e do Sr. Carlos Henrique de Carvalho, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia.

Tem a palavra o Prof. Alvaro Prata.

O SR. ÁLVARO TOUBES PRATA - Muito obrigado e bom dia a todos.

Quero saudar, inicialmente, o ilustre Deputado Celso Pansera e cumprimentá-lo pela organização e pela promoção desta Comissão Geral sobre a Marcha para a Ciência.

Quero saudar todos os presentes, bem como o Deputado Federal Vitor Lippi, o Presidente da Frente Parlamentar de Ciência, Tecnologia, Pesquisa e Inovação, Deputado Izalci Lucas, todos os Deputados presentes e os que já prestigiaram esta sessão.

Quero saudar esta distinta Mesa e faço isso em nome do Presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, o Prof. Ildeu de Castro Moreira. A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência comemora seus 70 anos e aqui representa todas as sociedades científicas brasileiras.

Quero saudar também o Presidente da Academia Brasileira de Ciências, Prof. Luiz Davidovich, que representa aqui todos os cientistas brasileiros.



Enfim, quero saudar a todos e fazer uma última saudação especial ao Reitor Emmanuel Tourinho, Presidente da ANDIFES, que representa as instituições de pesquisa e de ensino que promovem, a partir da formação e do avanço do conhecimento, a ciência.

Temos muito a comemorar, como tem sido mencionado, mas temos muitas preocupações. Um evento como este, em que a ciência é colocada em foco, em evidência, num plenário como este, é fundamental para que a ciência, a tecnologia e a inovação sejam fortalecidas e conquistem a posição que merecem em todos os países que almejam um futuro promissor para a sociedade de uma maneira geral. Isso nos fortalece e nos permite avançar em relação ao futuro.

Os desafios são enormes. Montamos um sistema nacional de ciência, tecnologia e inovação pujante, com muita capilaridade, mas que precisa ser mais e mais estimulado, precisa ser irrigado. Temos instituições fortes, pesquisadores conceituados, mas os desafios são crescentes.

Os programas e as políticas de ciência e tecnologia precisam ter uma ampliação cada vez mais maior. É por isso que este evento é extremamente importante. É por isso que os representantes da sociedade, que têm condições de priorizar a área da ciência, tecnologia e inovação da maneira como precisamos e queremos que seja priorizada, precisam, a partir de sua voz, ampliar a importância da ciência e da tecnologia.

O Prof. Ildeu citou aqui antigos presidentes da Sociedade Brasileira do Progresso da Ciência, os amigos da ciência. E quem são os amigos da ciência? É preciso que os amigos da ciência sejam toda a sociedade brasileira. Por isso, os representantes da sociedade brasileira precisam, sim, promover a ciência.



O marco legal, num esforço suprapartidário, muito bem-sucedido e construído ao longo dos anos, juntando as sociedades, as entidades, permitiu outro ordenamento jurídico, administrativo, que facilita, desburocratiza as relações entre as nossas instituições. O marco legal precisa ser ampliado, consolidado. As nossas instituições de pesquisa e desenvolvimento precisam ser fortalecidas e ampliadas. Precisamos ampliar a formação dos nossos cientistas, dos nossos pesquisadores.

Como foi dito, isso tudo requer ações concretas; isso tudo requer prioridade; isso tudo requer recursos, que são investimentos no País e no futuro.

Saúdo a todos neste evento.

Mais uma vez cumprimento o Deputado Celso Pansera, ex-Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação. Espero que, a partir das discussões, das visões, sobretudo desse fortalecimento conjunto, tenhamos mais forças para fortalecer as nossas ações em prol da ciência, tecnologia e inovação.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Prof. Prata.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Registro a presença de Estevão Martins, Secretário-Geral da Associação Nacional de História; Carmen Pires, Secretária-Geral da Sociedade Entomológica do Brasil; Fernando Oliveira Paulino, Diretor da Faculdade de Comunicação da UnB e representante da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação, e Mariana de Souza Castro, representante da Sociedade Brasileira de Toxinologia.

Agradeço a todos a presença.

Tem a palavra a Deputada Alice Portugal, pelo PCdoB.

A SRA. DEPUTADA ALICE PORTUGAL - Cumprimento o Deputado Celso Pansera, Deputado líder na discussão da ciência, da tecnologia e da inovação no Congresso Nacional; o Deputado Vitor Lippi; o Dr. Marcelo Marcos Morales, Vice-Presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do CNPq; o Dr. Abílio Baeta Neves, Presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES; o Prof. Ildeu de Castro Moreira, Presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência — SBPC; o Dr. Luiz Davidovich, professor do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ; o Reitor Emmanuel Tourinho, Presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior — ANDIFES, e o Dr. Álvaro Toubes Prata, Secretário de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.

Gostaria ainda de saudar os demais membros da Mesa e as entidades representativas de professores, pesquisadores, docentes e técnicos, como PROINFO, ANDES, UNE e Associação Nacional de Pós-Graduandos — ANPG.



Cumprimento ainda os representantes das instituições e empresas públicas que fornecem inestimáveis serviços para a pesquisa e a inovação, como a direção e os pesquisadores da FIOCRUZ, da EMBRAPA, dentre outras.

Nesta marcha da ciência, em especial, gostaria de deixar os meus cumprimentos às universidades brasileiras pelo papel que desempenham na construção da inovação, da ciência e da tecnologia, especialmente as universidades públicas e as instituições federais de ensino superior.

Este é um momento de comemoração daqueles que resistem, mas, acima de tudo, oportunidade de denúncia, que faço com pesar, em relação ao declínio do orçamento destinado à pesquisa, à ciência e à inovação no Brasil.

Nós vemos o avanço da ciência e tecnologia no mundo inteiro, mas hoje, no Brasil, lamentavelmente, 1 milhão e 200 mil lares brasileiros ainda cozinham em fogão à lenha.

Cresce o número de desempregados no Brasil, e isso tem relação direta não só com o apagão democrático em nosso País, mas também com o processo de doação, de efetiva desnacionalização da indústria nacional.

Este plenário, lindamente projetado por Oscar Niemeyer, aprovou, nos últimos 2 anos, a cada semana, a entrega de bandeja de uma fatia do Brasil ao capital externo.

Lamentavelmente, o pré-sal será explorado com máquinas estrangeiras, e esse maquinário não pagará um tostão de impostos para entrar no Brasil. Assim, a indústria de bens de produção entrará em falência no País, em função de cinco empresas estrangeiras. Há todo um processo de entrega das empresas brasileiras,



das suas indústrias, não só as públicas, mas também as do setor privado, que está desmontado.

Hoje 62% dos jovens, de 16 a 24 anos, quando respondem a uma pesquisa, como a da *Folha de S.Paulo*, dizem que a grande pretensão deles é deixar o País.

Nós sabemos que, neste plenário, estão aqueles que representam o que há de mais avançado na pesquisa nacional, nas suas diversas áreas de representação. Mas o Orçamento deste ano ainda está gritando, porque é ele que está sendo executado. E o orçamento-geral do Ministério da Ciência e Tecnologia caiu 19,51%.

Se nós olharmos, é dramático o que aconteceu em cada área, em relação a cada necessidade do desenvolvimento científico e tecnológico, quer seja para o enfrentamento das condições climáticas do Nordeste brasileiro, quer seja para a manutenção dos institutos, como a FIOCRUZ, como as universidades — em crise permanente —, como a EMBRAPA, empresa estratégica para a agricultura nacional e na qual se fez uma reestruturação que gerará seu desmonte. Enquanto isso, aprova-se, numa Comissão Especial, a Lei do Veneno neste País.

Quero aqui trazer, em nome do PCdoB, um partido que observa a sociedade de forma científica, o abraço da sua Presidenta, Deputada Luciana Santos, do nosso atual Líder, Deputado Orlando Silva, e da Deputada Jandira Feghali, militante da ciência e da tecnologia no País. Todos tiveram que retornar aos seus Estados. E hoje este plenário está esvaziado em função de ontem termos aprovado a Lei de Diretrizes Orçamentárias, que pavimenta um caminho pantanoso para o Orçamento do ano que vem.

Aqui, ontem, assistimos ao corte de verbas para os hospitais universitários, para a saúde básica e para a alta complexidade. Ainda assistimos ontem,



envergonhados, o debate sobre o projeto da Escola sem Partido, que nada mais é do que uma escola acrítica, nublada do ponto de vista do pensamento, que não desenvolve jamais a perspectiva da popularização da ciência ou do experimento, como elemento nuclear na construção da forma de pensar do brasileiro.

Isso tudo nos leva a uma visão para o passado. Por isso, nesta baixa da ciência, nós do PCdoB queremos dizer que estamos com os pesquisadores brasileiros na busca do olhar para o futuro. Para isso é preciso um projeto nacional de desenvolvimento, além da revogação da Emenda Constitucional nº 95 e do resgate do Brasil dessa treva lamentável de uma democracia retraída e de um país em que os fundamentalismos das diversas áreas se desenvolvem para incitar o Brasil no modo colonial.

Parabéns aos que resistem! Vivam a ciência, a tecnologia e a inovação!

Muito obrigada. *(Pausa.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Deputada Alice Portugal.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Vou passar a palavra a Francilene Garcia, Presidente do Conselho Nacional de Secretários Estaduais para Assuntos de Ciência, Tecnologia e Inovação — CONSECTI.

Antes, registro a presença do Prof. Benny Schvarsberg, da UnB e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional — ANPUR.

Francilene Garcia tem a palavra.

A SRA. FRANCILENE GARCIA - Bom dia a todas e a todos.

Eu gostaria de agradecer ao nosso ex-Ministro Deputado Celso Pansera pela oportunidade de realizarmos, mais uma vez, edição da Marcha pela Ciência. Agradeço também aos Deputados Vitor Lippi, Goulart e Izalci, que já se ausentou do plenário, a clara demonstração de interesse em ampliar o esforço e a maior qualificação, nesta Casa, do debate sobre ciência brasileira.

Estou aqui representando as secretarias estaduais de ciência, tecnologia e inovação e também as fundações de amparo à pesquisa do País. São fundamentais como parte desse grande ecossistema da ciência, tecnologia e inovação brasileira, que se compõe de atores importantes nesta capilaridade que temos, os nossos sistemas estaduais de ciência tecnologia e inovação.

Eu gostaria de cumprimentar todos os colegas que aqui me antecederam, os que compõem a Mesa e os que estão no plenário, e dizer de maneira complementar que, na realidade, a ciência brasileira, a ciência, tecnologia e inovação, talvez seja o único e o principal ativo que pertence a toda a sociedade brasileira, em que reside a maior esperança de alcançarmos um País mais robusto, mais sólido. Ela não é um privilégio dos cientistas, dos pesquisadores, dos agentes públicos governamentais,



da iniciativa privada que investe em inovação, ela é, talvez, junto com a educação, o principal ativo que pode alargar as nossas fronteiras.

Então, esta Casa e também o Senado têm um particular e importante compromisso de ampliar a qualificação desse debate. Temos que deixar de ouvir falar de Lei do Veneno e de outras coisas esdrúxulas como essa e passar a discutir na realidade um pilar, a partir desses ativos, para que possamos planejar o crescimento do País.

É claro que o fomento a isso é fundamental. A Emenda Constitucional nº 95 nos colocou numa gaiola, digamos assim, como se estivessemos represando esses ativos e eliminando as chances de futuras gerações conseguirem avançar mais do que as nossas e as anteriores.

Nesse esforço em relação ao marco legal, queria destacar a importância desta Casa e dizer que é fundamental, como já foi dito aqui, não nos esquecermos da superação dos vetos dos PLs que estão tramitando. É fundamental reinserirmos essa discussão na agenda, que tem de ser permanente nesta Casa. É fundamental que, junto com as Assembleias, que agora estão tratando da atualização do marco legal nos Estados — em cinco Estados da Federação esse trabalho está sendo conduzido, e isso deverá chegar, até o final do ano, a mais da metade dos Estados e, em 2019, ao restante —, possamos de fato ter um sistema nacional de ciência, tecnologia e inovação pujante. Este exemplo que esta Casa dá é fundamental, e a continuidade da superação, ainda mais.

Finalmente, eu queria dizer que o fomento, depois de contingenciamentos e crises, passa por um momento em que é fundamental que rediscutamos, Cintra, o nosso FNDCT. É fundamental que tenhamos clareza a respeito de como esse fundo



pode ser isento de emendas como essa e tenha menos contingenciamentos, para que possamos renovar o olhar sobre um novo desenho, uma nova mecânica, em que o planejamento seja obviamente participativo, com o envolvimento de todos os entes.

Não dá para ditar prioridades sem discutir amplamente e sem considerar as especificidades dos Estados. Nós temos as especificidades orçamentárias, conhecemos a lógica das demandas e também das competências que cada Estado tem diante das diversidades existentes no Brasil. Então, é fundamental que essas discussões aconteçam, para que possamos tornar essa engrenagem cada vez mais azeitada, conforme o exemplo republicano suprapartidário de aprovação do novo marco legal nesta Casa.

Quero agradecer mais uma vez pela presença. Obrigada. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Francilene.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Quero registrar a presença no plenário do Prof. Marcos Cintra, da FINEP.

Passo a palavra ao Sr. Emmanuel Tourinho, Presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior — ANDIFES.

O SR. EMMANUEL TOURINHO - Bom dia a todas e a todos.

Quero começar saudando e parabenizando o Deputado Celso Pansera pela iniciativa de realização desta Comissão Geral e pelo trabalho nesta Casa em defesa da pauta da ciência e tecnologia.

Quero saudar também o Deputado Vitor Lippi e o nosso colega Ildeu de Castro Moreira, Presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Aproveito para registrar os nossos parabéns à SBPC pelos 70 anos de construção da ciência nacional e de defesa da ciência e da soberania do País.

Saúdo ainda o Prof. Luiz Davidovich, da Academia Brasileira de Ciências — ABC, e o Prof. Abilio Baeta Neves, Presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. A CAPES tem sido parceira das instituições no desenvolvimento da pós-graduação brasileira.

Cumprimento o Prof. Álvaro Prata, do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações — MCTIC; o Prof. Marcelo Morales, do CNPq; a Profa. Francilene Garcia, do Conselho Nacional de Secretários Estaduais para Assuntos de Ciência, Tecnologia e Inovação — CONSECTI; e a Profa. Nísia Trindade, da FIOCRUZ.

Quero saudar, da mesma forma, a Reitora Ângela Cruz, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; o Reitor Edward Madureira, da Universidade



Federal de Goiás; e todos os demais representantes de universidades federais aqui presentes.

Saúdo a minha colega Magda Dimenstein, Presidente da Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Psicologia, e em seu nome quero cumprimentar todas as entidades representativas da comunidade científica nesta Comissão.

Quero saudar também a Sra. Flávia Calé, Presidente da Associação Nacional de Pós-Graduandos — ANPG e, em seu nome, todos os estudantes que têm estado na luta em defesa das instituições da ciência brasileira.

Saúdo os Deputados e as Deputadas presentes nesta sessão.

Começo dizendo que temos todos grande reconhecimento pela importância da pauta da ciência e tecnologia para o desenvolvimento do País, para o futuro da Nação, para a nossa soberania. Porém, esse reconhecimento, que tem sido tão frequente nas falas de todas as autoridades, nos discursos, nas publicações governamentais, inclusive, precisa deixar de ser retórico e passar a ser orçamentário. Prioridade nacional se vê no orçamento, não no discurso, não nos documentos, que apenas registram o que interessa para o convencimento da sociedade.

Nós precisamos do orçamento, isto é, de recursos para manter em funcionamento o sistema extraordinário que foi construído neste País, com instituições fortes e enorme capacidade de produzir conhecimento, o que é necessário para a superação dos grandes problemas nacionais. É necessário produzir soluções que gerem riqueza e renda para a Nação.



Esse sistema hoje é invejável. Muitos países gostariam de ter a estrutura que está instalada no Brasil, a competência que aqui existe para a produção de conhecimento, para a geração de tecnologia e de inovação, e eles não dispõem disso tudo. Nós dispomos e não fazemos uso disso, porque faltam políticas públicas, falta financiamento para que os nossos pesquisadores usem na plenitude a sua capacidade de trabalho.

É fundamental que a Nação compreenda isso, que este Congresso Nacional compreenda isso, que o Governo compreenda isso, e que saibam que nós não sairemos da crise em que estamos metidos se não for como fazem todas as Nações desenvolvidas: investindo fortemente na produção de conhecimento, na geração de tecnologias que transformem o nosso ambiente de produção.

Nós vínhamos sofrendo restrições acentuadas, que vêm por duas vias. E uma delas tem sido repetidamente mencionada aqui: o orçamento da área de ciência e tecnologia. É importante dizer, entretanto, que a maior parte da ciência brasileira é feita nas universidades e nos institutos de pesquisa. Só o sistema de universidades federais responde por mais da metade da produção científica nacional. E esse sistema também está ameaçado por cortes orçamentários sucessivos.

Nós recebemos, em 2017, aproximadamente 20% a menos de custeio do que tínhamos 4 anos atrás e 80% a menos de recursos de investimento. Esse sistema de universidades é parte da estrutura extraordinária que nós levamos décadas para construir e que pode ser uma alavanca para o nosso desenvolvimento. Nós não podemos perder a capacidade de trabalho e de produção desse sistema.

Ao lutar pela recuperação dos orçamentos, além de recuperar o orçamento da ciência e da tecnologia — como aqui mencionado —, é preciso lutar pela



recuperação dos orçamentos das universidades públicas. Não haverá a ciência de que nós precisamos se nós permitirmos que as universidades sejam desmontadas. Então, é urgente que o Congresso Nacional se debruce sobre essa questão também.

Pensamos que seja fundamental, numa agenda de valorização de fato da ciência e tecnologia, que nós voltemos a ter um Ministério de Ciência e Tecnologia. Não dá para ter uma Nação desenvolvida, não dá para ter políticas de Estado para ciência e tecnologia, se não tivermos um Ministério que se ocupe única, exclusiva e diuturnamente das políticas públicas voltadas para a ciência e a tecnologia.

Também precisamos nos preocupar com o que acontece com as nossas empresas de alta tecnologia. Falamos o tempo todo da importância da ciência para produzir conhecimento, para gerar tecnologia, para criar outros horizontes de desenvolvimento econômico e social para o País. Mas estamos calados diante do desmonte ou da transferência de ativos das nossas empresas de alta tecnologia.

O que está acontecendo com a PETROBRAS e o que está sendo anunciado para a EMBRAER não podem ficar sem uma resposta da comunidade científica, não podem ficar sem um posicionamento deste Congresso Nacional, ante o discurso que temos feito sobre a importância de se gerar tecnologia para o desenvolvimento econômico e social do País.

Por fim, então, é necessário pontuar que a Emenda Constitucional nº 95 atende exclusivamente aos interesses do mercado financeiro. E nós temos que decidir: ou temos uma política econômica para atender à sociedade brasileira ou temos uma política econômica para atender aos interesses do mercado financeiro do País e internacional.



Portanto, é urgente a revogação dessa emenda, para que possa voltar a haver políticas públicas do interesse da sociedade brasileira, em particular, voltadas para a educação, a ciência e a tecnologia.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Sr. Emmanuel Tourinho.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Quero agradecer ao Sr. Rodrigo Gurgel Gonçalves, da Sociedade Brasileira de Parasitologia, a presença.

Agora passo a palavra ao Deputado Chico d'Angelo, do PDT do Rio de Janeiro.

O SR. DEPUTADO CHICO D'ANGELO - Bom dia a todos e todas.

Quero cumprimentar toda a Mesa, em especial, o Deputado Celso Pansera, pela iniciativa num momento tão importante do País, seja do ponto de vista específico deste debate, seja de uma maneira geral, um momento político grave que o País vive em praticamente todas as áreas.

O setor de pesquisa e inovação, eu diria, entre todos os que estão sendo afetados pelos retrocessos que o País está vivendo, talvez seja o mais gravemente atingido, porque as interrupções de vários programas e projetos na área têm reflexos não só em curto, mas também em médio e em longo prazo.

A desculpa de ajuste fiscal, que é sempre a bandeira colocada para abolir e retirar programas inovadores nessa área, não se justifica, até porque, sob o ponto de vista econômico, é uma visão equivocada e medíocre não entender que investir em ciência e pesquisa, em médio e longo prazo, é investir em economia.

Então, a falta de visão, a visão mesquinha, retrógrada de governos como os que nós temos hoje no Brasil, faz com que esse setor esteja sofrendo, de certa forma, uma perseguição tão violenta.

Em relação à minha área especificamente, a da saúde, queria aqui citar, por exemplo, a FIOCRUZ, uma instituição de renome nacional e internacional. Estive recentemente na ONU, num fórum de debate sobre tuberculose, e pude ver vários



cérebros brasileiros que estão saindo do Brasil, devido a essa crise que atinge vários setores, inclusive o da saúde.

Ainda há pouco, estive com um colega da UERJ, pneumologista, que está indo para a Universidade do Porto, em razão dessa verdadeira crise que está posta no Brasil nesses 2 últimos anos, principalmente.

Então, eu queria saudar o Deputado Celso Pansera pela iniciativa, bem como todos os representantes da Mesa e todas as pessoas aqui presentes, e dizer que, felizmente, nós temos a perspectiva, daqui a 2 meses e meio, 3 meses, de novos cenários. Acho que nós podemos virar a página não só na área da ciência e tecnologia, mas também nas várias áreas que o País vem sofrendo grandes retrocessos.

Vamos em frente! Apesar do momento difícil, acho que devemos ter sonhos, ideias e o panorama de um futuro melhor para o Brasil. Essa área é fundamental para que possamos colocar o Brasil nos trilhos novamente.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Deputado Chico d'Angelo.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Passo a palavra ao Sr. Marcelo Marcos Morales, Vice-Presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o nosso CNPq, que representa aqui o Presidente da entidade.

O SR. MARCELO MARCOS MORALES - Querido Presidente da Mesa, Deputado Celso Pansera, grande batalhador pela ciência e tecnologia e ex-Ministro, ao cumprimentá-lo, eu gostaria de cumprimentar todos os membros da Mesa, os nossos amigos, na figura do Prof. Ildeu Moreira e do Prof. Luiz Davidovich.

Bom dia a todos.

Exmos. Parlamentares, pesquisadores, amigos da ciência, senhoras e senhores, gostaria de parabenizar a nossa SBPC — Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, à qual tive o privilégio de servir como Secretário, pelos 70 anos de atividade em defesa do desenvolvimento do Brasil e pela organização da Marcha pela Ciência no Brasil.

Ao estar aqui representado o CNPq, a agência de fomento à pesquisa federal mais importante do Brasil, penso nas responsabilidades que temos com o futuro do País, já que esse futuro depende essencialmente dos investimentos em educação, ciência, tecnologia e inovação.

O CNPq foi fundado há 67 anos com a missão de fomentar a ciência, a tecnologia, a inovação e de formular políticas que pudessem contribuir para o avanço das fronteiras do conhecimento, o desenvolvimento sustentável e a soberania nacional.

O CNPq contribui para o desenvolvimento de nossa Nação de forma importante, através da formação de recursos humanos, do investimento em bolsas



de estudo que auxiliam na formação de alunos de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado no País e no exterior. Por meio da formação de cientistas e do fomento à pesquisa desenvolvida por eles, temos certeza de que podemos contribuir para tornar o Brasil mais sábio, mais justo, mais rico.

Investimos fortemente no fomento à pesquisa, através de projetos individuais, o que inclui a Chamada Universal, responsável por irrigar todo o sistema de ciência e tecnologia, de norte a sul do Brasil. Na última Chamada, 5 mil projetos foram selecionados entre 21 mil propostas. E já iniciamos os preparativos para o lançamento da Chamada Universal 2018.

Dentre os projetos em rede, destaco os Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia, cuja última Chamada selecionou 102 propostas para a solução de importantes problemas nacionais. Cito alguns outros: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Dengue; Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Energia e Ambiente; Instituto Nacional de Pesquisa na Antártida; Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Violência e Segurança Pública; Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia do Bioetanol, entre outros.

Todos esses projetos são avaliados pelo mérito em processo rigoroso de revisão pelos pares, incluindo cientistas do País e de fora dele. Os resultados dessas pesquisas deveriam balizar a tomada de decisão do poder público, mas isso ainda é uma utopia no Brasil, infelizmente.

É importante salientarmos que temos uma base sólida de ciência e tecnologia. Somos responsáveis por mais de 50% da produção de ciência na América Latina e por 2,7% da produção científica mundial. Produzimos mais de 14



mil doutores por ano e chegamos à 14ª colocação no *ranking* mundial de produção científica no mundo.

Posso afirmar com segurança que o desenvolvimento científico e tecnológico nos levou a passar do patamar de um país exclusivamente agrícola para o de uma economia diversa, baseada em parte na indústria. Todavia, parece que estamos regredindo. Será que é por acaso que nossa desindustrialização atual passa pela falta de investimento contínuo em ciência e tecnologia? (*Palmas.*) Precisamos de mais investimento e articulação entre setor produtivo, universidades e institutos de pesquisa.

Nos anos 80 e 90, no ponto mais alto da industrialização, o setor industrial representou 35% da produção nacional. Hoje não é nem 12% e ainda está caindo. O Brasil está experimentando uma das maiores desindustrializações da história, em um período muito curto. O País tem que se preocupar, pois sabemos que países dependentes de *commodities* não conseguem controlar o seu destino. Lembremos que a indústria brasileira de borracha foi uma grande esperança até que os americanos e russos inventaram a borracha sintética, nos anos 30 e 40.

Albert Einstein dizia que a definição de loucura é fazer a mesma coisa várias vezes e esperar resultados diferentes. Não nos esqueçamos de que estamos na era do conhecimento. Mais do que nunca, precisamos de investimentos maciços em ciência, tecnologia e inovação. Caso contrário, estaremos fadados ao fracasso e colocaremos em risco a segurança de nossa população.

No CNPq, perdemos a capacidade de fazer política nacional de ciência e tecnologia. Grande parte do nosso orçamento, quase 90%, está comprometida com bolsas. E essas bolsas também poderão ser comprometidas, caso o cenário atual



não seja revertido imediatamente, o que nos levará a um caos total. Estamos sem lastro: o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — FNDCT é contingenciado sistematicamente; o nosso orçamento foi reduzido ao mínimo; e a PEC do Teto dos Gastos inseriu a ciência brasileira em uma camisa de força.

Chegamos ao ponto da quase irreversibilidade dos danos causados. Sem uma reversão imediata desse cenário, poderemos comprometer o futuro do Brasil. Vários projetos de lei em trâmite nesta egrégia Casa protegem o FNDCT do contingenciamento, além de existir projeto que destina parte dos recursos do pré-sal para ciência e tecnologia, como mencionado pelo Deputado Celso Pansera. Ainda há tempo, prezados Parlamentares. Precisamos ser céleres.

Termino minha exposição agradecendo a atenção e afirmando que não desistiremos do Brasil, pois temos a adrenalina que espanta nosso cansaço, manejamos nossa esperança por um futuro próspero, sabemos que estamos longe do limite possível e temos a convicção de que o Brasil somente vencerá seus desafios se estiver de mãos dadas com a ciência e seus cientistas.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Sr. Marcelo Morales.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Concedo a palavra à Dra. Nísia Trindade, Presidente da FIOCRUZ. (*Palmas.*)

A SRA. NÍSIA TRINDADE - Bom dia a todas e a todos. Quero saudar a Mesa, cumprimentando de forma muito especial o Deputado Celso Pansera. Agradeço a S.Exa. o convite. A FIOCRUZ participa com muito entusiasmo dessa Marcha pela Ciência.

Quero cumprimentar também o Deputado Vitor Lippi e, em nome dos Parlamentares integrantes da Mesa, saudar todos os Parlamentares aqui presentes.

Cumprimento ainda o Prof. Luiz Davidovich e, por intermédio dele, homenagem todos os cientistas pelo Dia do Cientista, comemorado no dia 8 de julho. O Prof. Ildeu de Castro Moreira, Presidente da SBPC, assim como o Prof. Davidovich, têm trilhado conosco essa jornada. A Marcha pela Ciência no Brasil não se resume a um dia, é uma história de muitos anos, mas que vive nesta sessão um momento especial.

Também quero saudar o Prof. Emmanuel Tourinho, representando a ANDIFES. Aproveito para lembrar o papel estratégico das universidades brasileiras, que não podem de maneira nenhuma passar por retrocesso, tal como o senhor muito bem manifestou aqui.

Quero cumprimentar também a Francilene Garcia, pelo importante trabalho da ciência e tecnologia no âmbito dos Estados, das nossas fundações de apoio e das secretarias estaduais, e os nossos representantes da CAPES, Prof. Abílio, do CNPq, Prof. Marcelo, e do MCTIC, Prof. Álvaro Prata.

Faço também outra menção: a FIOCRUZ, hoje, é uma instituição nacional, mas nem sempre o foi, como instituição do Ministério da Saúde. A entidade reforça



seu papel do ponto de vista nacional com a presença em 10 Estados, e tem buscado cada vez mais uma aproximação com esta Casa, no sentido que ela deve ter: a sociedade, as instituições científicas trabalhando em conjunto com os Parlamentares pelo desenvolvimento da ciência, em favor dos nossos direitos.

Nessa perspectiva, a representação da FIOCRUZ de Brasília, aqui presente, tem tido esse papel fundamental da aproximação — e quero saudar meus colegas. Quero, assim, reforçar todas as palavras sobre a importância dos INCTs e de uma série de ações que podemos considerar marcos importantes nesse trajeto, e o Parlamento brasileiro desempenha o papel central.

Neste momento, quero dedicar a minha fala a Anísio Teixeira, o grande personagem da educação, da construção de agências, da construção da CAPES, da construção de uma política de ciência e de educação, que tinha um norte muito claro: a educação não é um privilégio. Se falarmos da ciência para a redução de desigualdades, temos que falar de justiça no País. Esse é o sentido que eu gostaria de dar à minha fala.

Também temos que pensar que a Marcha pela Ciência é uma manifestação mundial, no momento em que se colocam em questão os benefícios da ciência, quando os cientistas são chamados a afirmar o seu papel público. É isso o que estamos fazendo aqui.

No Brasil, a Marcha pela Ciência, porém, tem um sentido fundamental. Ela se dá no momento em que temos que olhar o futuro, sabendo que vivemos o desafio de um período de reconstrução de um país que passa por grande ferida cívica, marcada pelo próprio questionamento da democracia, das instituições públicas e da atividade política em geral. Então, ao se falar de ciência, tecnologia e inovação, há



que se falar de democracia e pensar que temos que recuperar a esperança dos nossos jovens.

Do ponto de vista da Fundação Oswaldo Cruz, é muito importante lembrar que, no contexto em que estamos colocando a marcha da ciência, também vemos antigos e novos desafios da ciência aplicada à saúde.

Hoje está em questão o agravamento do quadro sanitário, o retorno do sarampo, a volta quase que ao início do século, se pensarmos nos surtos de febre amarela. Esses são desafios que só podem ser enfrentados com uma ciência direcionada para o nosso Sistema Único de Saúde.

Além disso, vivemos o desafio de lidar com um novo quadro demográfico no País e com a quarta revolução tecnológica. A ciência, tecnologia e inovação, no campo da saúde, têm que se voltar à garantia do acesso a tratamentos e a medicamentos e à promoção de qualidade de vida. Isso só se faz reforçando esse caminho. Como bem disse o Deputado Izalci Lucas, não são suficientes os discursos.

Gostaria de reforçar aqui o movimento construído em vários seminários da SBPC, nos seus 70 anos, e da Associação Brasileira de Saúde Coletiva. Vou resumi-lo em seis pontos, os quais estão sendo discutidos por todas as sociedades científicas.

A saúde e a ciência, tecnologia e inovação devem ser concebidas como investimentos determinantes de um projeto nacional de desenvolvimento justo, soberano e sustentável.

A priorização da atividade de ciência, tecnologia e inovação e da saúde requer uma reestruturação do Estado brasileiro, incluindo, com destaque: a



revogação da Emenda Constitucional nº 95; a recriação do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação; uma reforma tributária que privilegie a equidade e a produção; um pacto federativo que contribua para o desenvolvimento dos Estados e Municípios para a superação das desigualdades regionais.

Como próximo ponto, no caso da ciência, tecnologia e inovação em saúde, deve-se direcioná-la para as necessidades do nosso Sistema Único de Saúde, um patrimônio da sociedade brasileira e um marco no sentido da justiça e da cidadania.

O avanço dos marcos regulatórios e legais, como foi dito, no caso do marco de ciência e tecnologia, precisa ser continuado. Essa continuidade requer o fortalecimento de nossas instituições e, fundamentalmente, a defesa intransigente do direito ao desenvolvimento, à saúde e à ciência, tecnologia e inovação.

A ciência não é só um investimento no futuro. Ela é um direito do nosso País e a garantia de que o caminho da justiça e da soberania nos leve, nesse marco em que discutimos a quarta revolução tecnológica, tanto aos desafios do presente, garantindo o pensamento democrático, e que vejamos, de fato, a agenda da ciência e tecnologia como um direito da nossa sociedade.

Obrigada. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Nísia Trindade, da FIOCRUZ.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Concedo a palavra à Deputada Erika Kokay, do Partido dos Trabalhadores.

A SRA. DEPUTADA ERIKA KOKAY - Eu gostaria de desejar um bom-dia para cada um e cada uma de vocês. Ao mesmo tempo, eu gostaria de saudar a Mesa, e o faço na pessoa do Deputado Celso Pansera, do nosso partido, que tem trazido para esta Casa como central a agenda do desenvolvimento científico e tecnológico.

Nós não vivemos tempos limpos, vivemos uma ruptura democrática, que vai ameaçando o Estado Democrático de Direito. Uma ruptura democrática não fica ensimesmada, vai ampliando o seu escopo e vai esgarçando o tecido da democracia e o tecido dos direitos.

Quando falamos de ciência, de desenvolvimento científico e tecnológico, falamos de um desenvolvimento que, por si só, abre espaços para que construamos a democracia, porque sem o solo firme da democracia, é difícil termos o desenvolvimento científico, tecnológico, o reinventar deste País e o reinventar de suas próprias circunstâncias.

Portanto, o desenvolvimento por si da ciência e tecnologia abre caminhos para a luz da democracia. Por isso buscam solapar a ciência e a tecnologia aqueles que acham que o arbítrio tem que imperar, aqueles que acham que a soberania popular pode ser rompida. E, se se rompe a soberania popular, seguramente não se terá apreço pela soberania nacional.

Nós estamos falando de um país que, nesta ruptura democrática, faz com que vozes atávicas, fascistas, que estavam contidas pelo peso da democracia, surjam



com a força como a da água que rompe um dique. Por isso estamos vivenciando aqui esta destruição da tecnologia conquistada por este País.

O que se está fazendo com a PETROBRAS é um atentado a este povo e a sua capacidade de se construir enquanto Nação, porque temos a maior tecnologia de prospecção de petróleo em águas profundas, que está sendo entregue para as grandes petrolíferas.

O que está se fazendo com a Embraer, que é a maior empresa em produção de aviões de até 150 lugares, quando a entregamos para a Boeing? O que está fazendo com a Caixa, que detém a maior tecnologia em loterias do Brasil, uma das maiores do mundo, que está sendo proibida de disputar o leilão da Loteria Instantânea, que foi privatizada?

Nós estamos vivenciando o rompimento da soberania nacional. Por isso, a ciência e a tecnologia nos inquietam.

Eu me lembro de como a SBPC construiu territórios de liberdade durante a ditadura militar. Nós íamos para os congressos da SBPC para construir a resistência desse povo que não se engana e que — não se esqueçam disso — é filho de Zumbi dos Palmares e de Dandara também.

Ali a SBPC, que faz 70 anos, construiu o pensamento crítico, ao contrário do que pensam esses que querem nos impor mordanças, com sua lógica fundamentalista, através do Escola sem Partido.

O aprendizado não se dá sem consciência crítica, e nós não nos fazemos um povo autônomo ou que goze de emancipação se não tivermos a consciência crítica e a troca de saberes.



Por isso, nesta marcha pela ciência, nós estamos aqui para dizer que é preciso estabelecer um percentual constitucional para o desenvolvimento científico e tecnológico, para que nós tenhamos um desenvolvimento científico e tecnológico que tenha generosidade de dialogar com o conjunto das políticas públicas com uma política de Estado.

No momento em que o Brasil vivenciou uma fraude à soberania popular, como a que aconteceu com o golpe que se instalou no Brasil — e esperamos que este processo eleitoral também não seja fraudado —, nós precisamos colocar a pauta da ciência e tecnologia.

Por isso, Deputado Celso, sugiro que façamos uma audiência pública, retiremos essa pauta e digamos que um povo livre é um povo que tem projeto de desenvolvimento científico e tecnológico, construído democraticamente, para que nós possamos continuar cantando. Como diz o poeta, faz escuro, mas continuamos cantando o novo amanhã. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Deputada Erika Kokay.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Passo a palavra ao Prof. Abilio Baeta Neves, Presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES.

O SR. ABILIO BAETA NEVES - Muito obrigado, Deputado Celso Pansera, pelo convite e pela oportunidade.

Cumprimento os demais Deputados, representantes desta Casa, representantes das entidades científicas, das universidades e da nossa FIOCRUZ. Bom dia a todos e a todas.

Fico muito agradecido por esta oportunidade. A Marcha pela Ciência, quando se comemoram os 70 anos da SBPC, vem num momento mais do que oportuno.

De fato, as discussões sobre recursos para pesquisa científica e tecnológica e os debates sobre o Orçamento de 2019 são muito preocupantes. Os sinais não são os mais alvissareiros, o que nos força a mobilização, indiscutivelmente.

A CAPES é responsável, consolidadamente, pela integridade do sistema de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. Como já foi dito aqui, as universidades brasileiras e os institutos brasileiros que mantêm pós-graduação são os responsáveis por praticamente a totalidade da pesquisa que se faz no País.

Se a CAPES for fragilizada, fragiliza-se a possibilidade de sustentação de um sistema que hoje forma cerca de 30 mil mestres e quase 20 mil doutores. Isso significa comprometer o futuro do País, com a perda não apenas de cérebros, mas também de oportunidades de desenvolvimento econômico graves.

Estamos, portanto, absolutamente associados a essa marcha, a essa discussão.



Devo dizer que o Ministro Rossieli Soares tem sido um ardoroso defensor do orçamento do Ministério da Educação, ao qual pertence a CAPES. O comprometimento do orçamento do Pasta pode comprometer a CAPES. E isso é muito grave.

Ontem, conseguimos uma vitória, que precisa ser defendida até as últimas consequências, que é a liberação do teto dos recursos próprios das universidades. Há também um certo comprometimento no projeto da LDO aprovada ontem de que não podem ser feitos cortes abruptos nos Ministérios da área de saúde e educação. Isso não é tudo. Precisamos consolidar essas definições e essas decisões.

Eu espero que essa marcha realmente mobilize não apenas a sociedade, a comunidade acadêmica, mas, principalmente, os nossos parceiros do Congresso Nacional e os nossos amigos no próprio Governo.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Prof. Abilio Baeta.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Com a palavra a Sra. Flávia Calé, recém-empossada Presidente da Associação Nacional de Pós-Graduandos — ANPG.

A SRA. FLÁVIA CALÉ - Bom dia a todas e a todos aqui presentes.

Eu quero saudar esta Comissão Geral, a realização deste debate no Congresso Nacional, na figura do nosso Deputado Federal Celso Pansera e do nosso Prof. Ildeu de Castro, da SBPC, instituição que completa 70 anos neste período.

Hoje a Associação Nacional de Pós-Graduandos também aniversaria, completa 32 anos de existência. É um prazer muito grande poder comemorar esta data importante para nós junto com a comunidade científica aqui presente e com pessoas ligadas a esse tema.

Acreditamos que é fundamental a construção de uma grande frente em defesa da ciência e tecnologia no nosso País. É através da ciência que vamos conseguir efetivamente retomar o projeto de desenvolvimento nacional.

A história da ANPG é, necessariamente, vinculada à defesa da ciência e tecnologia, da ciência nacional. Ela é muito vinculada à democracia, à luta democrática no nosso País, e à luta por direitos de pós-graduandas e pós-graduandos brasileiros.

Eu queria falar um pouco sobre o tripé ciência, democracia e direitos dos pós-graduandos. Acredito que defender a ciência hoje, no nosso País, passa por algumas questões já apresentadas, mas que eu queria reforçar.

Primeiro, passa pela necessidade da recomposição do Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia, especialmente a partir do nosso Ministério. Mas não só por



isso: passa também pela recomposição do orçamento da área de ciência e tecnologia no nosso País.

A ciência é um elemento estratégico. O mercado não visa investimentos estratégicos. Só é possível para a ciência ter vida e ter vigor no nosso País se ela for uma política de Estado, de financiamento do Estado.

Então, a recomposição desses financiamentos e desse sistema é fundamental. Eu acho que isso passa por duas questões muito importantes. A primeira é a derrota da PEC do Teto de Gastos. Muito em breve, já em 2019 — e nós já sentimos isto —, o nosso Sistema vai colapsar. Se não enfrentarmos essa questão, se não enfrentarmos esse pilar da política hoje colocada no nosso País, altamente liberal, ultraliberal, não vamos conseguir dar um passo adiante.

Outra agenda que eu acho que é a prova de que este Congresso Nacional, se pautado por agendas importante para a nossa Nação, é capaz de dar conta de aprovar grandes projetos, foi a aprovação do fundo do pré-sal para a educação. Mas agora temos uma grande oportunidade de pautar a proposta de regulamentação dos 25% para ciência e tecnologia. Esse pode ser um grande avanço no que diz respeito ao financiamento dessa área. Eu acho que devemos estar imbuídos de uma grande unidade, para que este Congresso paute novamente essa grande questão que é a defesa do pré-sal e o investimento de recursos oriundos da exploração dele em ciência e tecnologia.

A segunda questão que passa por essa recomposição do Sistema Nacional de Ciência Tecnologia é a da defesa das empresas brasileiras, paralisação do processo de privatização de estatais brasileiras. O pré-sal não foi descoberto à toa. Nós temos a EMBRAPA, nós temos a EMBRAER, nós temos diversas empresas



voltadas para diversas áreas do nosso desenvolvimento, que têm pesquisas fundamentalmente produzidas. Então, a defesa das estatais brasileiras é outro pilar muito importante da recomposição do Sistema Nacional de Ciência Tecnologia.

A terceira questão é a luta pela dignidade das universidades públicas brasileiras, que estão sob profundo ataque. As universidades, como foi dito aqui, são responsáveis por grande parte da produção científica no nosso País e precisam ser olhadas com cuidado, merecem a dignidade que experimentaram nos últimos anos no nosso País.

Mas só isso não basta. Se não caminharmos com a democracia, o outro pilar ao qual a ANPG sempre esteve vinculada, ou seja, a luta pela democracia, nós não iremos adiante. A autonomia didático-científica hoje está ameaçada no nosso País. O Almirante Othon, responsável pelo desenvolvimento de pesquisas na área nuclear no nosso País, foi preso. O Prof. Carlini foi levado a depor na Polícia Federal por conta de pesquisas reconhecidas sobre o uso de *cannabis* na Medicina. Nós vemos a tentativa de censura de disciplinas, nós temos o Escola sem Partido, que foi debatido ontem em Comissão desta Casa, e nós temos uma série de iniciativas que confrontam o pensamento crítico e a autonomia da pesquisa científica nas nossas universidades, nas nossas instituições. Então, é fundamental que toda a ciência reunida discuta e lute por democracia no nosso País.

Por fim, o terceiro pilar: os pós-graduandos. A mensagem que o nosso País está dando aos pós-graduandos brasileiros é de desesperança, é a mensagem de que a ciência não vale a pena.

A estagnação das nossas bolsas, a necessidade de ampliação e reajuste das bolsas é algo emergencial. As FAP — Fundações de Amparo à Pesquisa nos



Estados estão à mingua. Vários Estados, como Rio de Janeiro e Minas Gerais, têm bolsistas sem receber há 2 meses. Isso é muito grave, porque desencadeia uma série de questões e de problemas, inclusive na produção científica que é hoje a questão da saúde mental. A saúde mental de pós-graduandas e pós-graduandos é um elemento hoje importante para discutirmos a valorização da nossa pesquisa.

A retomada do processo industrializante no nosso País é fundamental para a geração de empregos de qualidade, é fundamental para nós apresentarmos perspectivas aos mestres e doutores que estão se formando e que estão indo para fora do País ou simplesmente desistindo das suas carreiras científicas, porque não há emprego, não há incentivo, não há perspectiva.

Então, eu gostaria de saudar a realização desta Comissão Geral. Esta Casa, se pautada por lutas justas, é capaz de dar respostas e de apontar saídas para esta crise brasileira. A ciência é o vértice fundamental para a retomada desse desenvolvimento e para a retomada de um projeto nacional no nosso País.

Nós precisamos caminhar juntos para conseguir realizar o sonho de fazer do Brasil um país grande, independente e soberano.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Flávia Calé.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Quero convidar o Presidente da FINEP, Marcos Cintra, para integrar conosco a Mesa, por favor.

O Sr. José Aranha, da ANPROTEC, não está presente. Vou passar a palavra, então, ao Sr. Luiz Fernando Vianna, da ABIPTI.

Enquanto S.Sa. se dirige à tribuna, vou ler a mensagem do Presidente do CONFIES, Prof. Fernando Peregrino. Ele nos ligou ontem, está com um problema de saúde e não pôde aqui estar presente.

É esta a mensagem:

Na pessoa do Deputado Celso Pansera, o CONFIES — Conselho Nacional das Fundações de Apoio às Instituições de Ensino Superior e de Pesquisa Científica e Tecnológica saúda e parabeniza a nossa querida SBPC, instituição que há décadas defende o setor de CT&I, no Brasil, pelos seus 70 anos de sua fundação, e todos os presentes. Parceiros de longa data na defesa e na constituição de um Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação que tem produzido e, com certeza, produzirá, ainda mais, grandes benefícios para o bem-estar da sociedade brasileira.

Pelo papel do CONFIES, em parceria com muitas instituições representadas nessa Marcha, no setor de CT&I, não poderia furtar-me a deixar algumas reflexões para esse significativo evento, e algumas delas estão em



artigo que publiquei no dia 7 de julho no Jornal do Brasil intitulado A ciência, a inovação e as eleições.

“Quem acompanha o nosso meio percebeu uma nítida evolução no ambiente da ciência e tecnologia. O cientista já se dispõe a vir a público com uma linguagem acessível para falar de atividades de pesquisa, prestar contas à sociedade e cobrar apoio aos políticos para seus projetos. Os políticos já falam da ciência e tecnologia com certa propriedade. As universidades já não são chamadas de ‘torres de marfim’ pelos empresários, nem esses são tão mal vistos pela comunidade acadêmica. Há uma uniforme defesa da inovação para o desenvolvimento do País que viabilizou uma aliança desses segmentos e produziu nova legislação do setor. Porém, o País continua investindo há muitos anos apenas 1% do PIB em pesquisa. Países industrializados investem duas ou quatro vezes mais. Não sem razão, descemos no Índice Global de Inovação do 40º para o 69º lugar na última década.

[...] Sem dinheiro para investir, a ameaça é de quebrar o sistema de pesquisa e inovação. Desceremos mais ainda na escala dos indicadores sociais e de inovação. [No entanto], há sinais de exaustão desse velho modelo econômico, [econômico que prioriza o rentismo



financeiro, a execução de políticas fiscais restritivas etc. e não o investimento produtivo]. É hora de a comunidade científica aprofundar o discurso de mais verbas e não se omitir em apontar a raiz do problema que ameaça inviabilizar a indústria, a pesquisa e a inovação.”

Por fim, parablenzo, novamente, a SBPC e desejo a todos uma manhã rica de debates e que frutifiquem propostas concretas de apoio ao setor de CT&I.

Um abraço.

Fernando Peregrino, Presidente do CONFIES.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Feito o registro, passo a palavra ao Sr. Luiz Fernando Vianna, Presidente da Associação Brasileira das Instituições de Pesquisa Tecnológica e Inovação — ABIPTI.

O SR. LUIZ FERNANDO VIANNA - Obrigado, Deputado.

Bom dia a todas e a todos.

Quero fazer uma saudação especial ao Deputado Celso Pansera e, na sua pessoa, cumprimentar a Mesa e toda a Casa.

Deputado, eu estava me lembrando de que algum tempo atrás estive na Frente Parlamentar de Ciência e Tecnologia, cuja Secretaria Executiva é exercida pela ABIPTI, sob liderança do Deputado Izalci Lucas. Na ocasião, defendíamos a paralisação da Lei do Bem. Então, já faz algum tempo que esta Casa defende causas nobres, defende incentivos que são fundamentais para o desenvolvimento do nosso País.

Na semana passada, eu estive, a convite da ABINEE — Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica, na Frente Parlamentar para o Desenvolvimento da Indústria Eletroeletrônica Nacional, onde pude participar de debate sobre a Lei de Informática, que também vem sendo ameaçada.

Então, esta Casa tem, entre outras tantas funções, o dever de defender todas as políticas de incentivo, para que o País esteja sempre à frente da inovação.

Ontem mesmo eu estava lendo na revista *Exame* o *ranking* mundial de inovação. O Brasil, surpreendentemente, subiu cinco pontos. Nós estamos em 64º lugar. E isso não é bom. O primeiro lugar é da Suíça. E quais são os pilares que eu pude extrair da matéria que li ontem? Educação e incentivo para a inovação.



Então, nós temos que ser defensores dos incentivos para a inovação, para que possamos, em vez de exportar mão de obra altamente qualificada para outros países, exportar produtos com alta tecnologia para outros países.

Na semana passada eu pude apresentar no meu painel alguns produtos desenvolvidos através de incentivo da Lei de Informática, que são produtos que estão na concorrência mundial.

Nós temos que defender cada vez mais esses incentivos, nós temos que ser cada vez mais guardiões dos incentivos fiscais. Falo aqui em nome da ABIPTI, que representa 154 associados do Brasil, das cinco regiões do País.

Era isso o que eu tinha para falar para vocês. Desejo um bom dia a todos. Vamos todos juntos ser os defensores da ciência e da tecnologia, através dos incentivos fiscais que fazem o nosso País crescer, e colocar produtos de qualidade no nosso mercado.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Sr. Luiz Fernando, da ABIPTI.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Concedo a palavra ao Sr. Marcos Cintra, Presidente da Financiadora de Estudos e Projetos — FINEP.

O SR. MARCOS CINTRA - Sr. Presidente, quero cumprimentá-lo pela realização desta Comissão Geral. Como eu sei que a campanha aqui é inclemente, vou deixar as saudações de lado e rapidamente passar para a minha brevíssima mensagem.

Eu me pergunto o que nos traz hoje a esta reunião. O que nos traz até aqui? Em primeiro lugar, evidentemente, é a comemoração dos 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência — SBPC, que merece todo o nosso respeito, pois tem feito um grande trabalho para o Brasil, para o desenvolvimento brasileiro, para a ciência brasileira, e é uma colaboração que todos reconhecemos, independentemente de colorações partidárias, de colorações ideológicas. Há um reconhecimento nacional da importância da instituição.

Em segundo lugar, o que nos traz aqui é com certeza o momento que atravessamos, que é difícil — temos de reconhecer. O que me surpreende, na situação em que se encontra a área de ciência, tecnologia e inovação no Brasil hoje, é que por parte das autoridades econômicas isso é visto como um problema. A área de ciência e tecnologia, como muitas outras, gasta recursos, depende receitas orçamentárias. Elas precisam ser reduzidas, não discuto isso. Não discuto se o ajuste fiscal precisa ou não ser feito. Mas a área de ciência e tecnologia é colocada na vala comum de todas aquelas despesas que precisam ser reduzidas e cortadas para se atingir o necessário ajuste fiscal.

É interessante isso, Presidente Ildeu, porque no mundo inteiro a área de ciência e tecnologia não é vista como problema. No mundo inteiro, a área de ciência



e tecnologia é vista como solução. No mundo inteiro, quando há uma crise econômica, como está acontecendo agora nos Estados Unidos, como acontece com a China, o orçamento aumenta, como forma de superação da crise.

Há hoje uma unanimidade entre os economistas — e eu sou um economista —, que é a seguinte: o que determina a riqueza de um país não é mais a disponibilidade de recursos naturais, não é mais a disponibilidade de capital, não é mais a disponibilidade daqueles fatores de produção clássicos que definiam o processo de desenvolvimento econômico no século passado, na economia industrial, não! Hoje, a unanimidade entre os economistas é que o que define desenvolvimento econômico é conhecimento, é ciência, é tecnologia e a sua transformação em valor por meio da inovação.

Então, o que eu acho que nos une hoje aqui é a necessidade de um pleito candente, rumoroso, em prol da percepção por parte da sociedade da importância da ciência, da tecnologia e da inovação.

Muito se fala — e ainda ontem eu comentava com o Prof. Luiz Davidovich, numa cerimônia na FINEP, à qual muitos dos senhores aqui presentes, inclusive, deram-nos a enorme honra de recebê-los — na tríplice hélice. Há necessidade de o Governo, as universidades e as empresas atuarem em conjunto. E é verdade, mas eu me pergunto se não falta uma quarta pá nessa hélice, uma quarta pá, que é a opinião pública, a percepção da sociedade, cujos representantes estão aqui nesta Casa, de que ciência, tecnologia e inovação são fundamentais e cruciais para o desenvolvimento econômico e social.

O grande desafio que temos de enfrentar é como fazer a sociedade brasileira dar valor a isso que nós aqui fazemos, com enorme sacrifício e com enorme



dedicação. Não é à toa que o Global Innovation Index de 2018, divulgado ontem, mostra que, relativamente a 2017, nós avançamos cinco pontos. Apesar da crise, nós avançamos cinco colocações naquele indicador, fruto do sacrifício, fruto do trabalho e fruto da dedicação de toda comunidade científica e empresarial brasileira.

Portanto, Presidente Celso Pansera, quero parabenizá-lo pela realização desta Comissão Geral. Eu acho que, através de movimentos como este, a nossa bandeira, o nosso grito vai ecoar no Brasil inteiro, fazendo com que a sociedade brasileira, a população brasileira, valorize a ciência, a tecnologia e a inovação. Quando isso acontecer, os senhores acreditem, é inevitável, esta Casa vai refletir essa percepção da sociedade, e aí nós deixaremos de ter essas vergonhosas limitações orçamentárias que reduzem o nosso potencial, o nosso escopo de trabalho em 40%, 50%, 60%, relativamente a alguns anos anteriores.

Portanto, Presidente desta Mesa, Presidente Ildeu, parabéns pela marcha pela ciência que está sendo realizada neste momento. Parabéns por esta Comissão Geral e que ela repercuta em todo País como uma sinalização importante. O Brasil jamais será o país que nós desejamos se não colocarmos ciência, tecnologia e inovação no centro da política nacional de desenvolvimento e se não deixarmos de tratá-la como um acessório, como um mecanismo simplesmente auxiliar que pode ser manipulado a bel-prazer, em função das necessidades circunstanciais orçamentárias.

Parabéns a todos e que esta mensagem, a partir desta Casa, reflua para todo País em benefício de todos nós.

Parabéns a V.Exas. pela organização deste magnífico evento.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Com a palavra o representante da EMBRAPA, o Chefe-Geral da EMBRAPA Agroenergia, Guy de Capdeville.

A próxima oradora será a Sra. Cristina Quintella, do FORTEC.

O SR. GUY DE CAPDEVILLE - Bom dia a todos.

Na pessoa do Deputado Celso Pansera, eu cumprimento todos os membros da Mesa, todos os Deputados aqui presentes, todos os colegas das instituições de ciência e tecnologia. Para nós, é uma grande honra estar aqui.

Em nome do nosso Presidente, o Dr. Maurício Antônio Lopes, agradecemos o convite para participar deste evento e formalizamos aqui o nosso apoio à Marcha pela Ciência.

A ciência e a tecnologia deste País estão passando novamente por um impacto, pelo descaso das autoridades governamentais com a importância dessa temática para o País. As escolhas para fazerem os cortes necessários aos ajustes de que a economia do País precisa não podem afetar estas duas instituições fundamentais para o Brasil: o Ministério da Ciência e Tecnologia e o Ministério da Educação.

A EMBRAPA está sofrendo impactos diretos desses cortes, o que tem dificultado muito — dificultado muito — o desenvolvimento das nossas ações. Isso, na nossa visão, é andar para trás.

No passado, o Brasil investiu substancialmente na formação de competências, que hoje dominam o conhecimento, para as novas gerações de profissionais que continuarão a levar este País para a frente.



É fundamental que abracemos o Marco Legal de Ciência e Tecnologia e que tragamos para dentro das instituições a sua aplicabilidade, o uso das facilidades que realmente nele estão.

Mas nós precisamos também de um pouco mais de flexibilidade por parte dos órgãos de controle, que muitas vezes nos colocam em grandes desafios para tentar driblar burocracias e cobranças. Muitas vezes, a única coisa que nos trazem é a garantia de que andaremos para trás no nosso desenvolvimento. Como nós podemos avançar na ciência mundial, se temos que passar por um número enorme de burocracia quando temos que comprar um equipamento para ciência e tecnologia?

Aqueles dos senhores que passaram por uma universidade estrangeira, nos Estados Unidos, na França, na Europa de maneira geral, sabem muito bem que, como estudantes de pós-graduação, como estudantes de doutorado, nós temos lá um recurso que está colocado no nosso nome, sob a nossa responsabilidade, quando fazemos uma compra. Ela chega à nossa porta em 3 dias. Nós aqui fazemos compras, na nossa instituição, que levam 1 ano para chegar. Elas param em diferentes instâncias ao longo do processo de compra, ao longo do processo de transporte. Essas coisas dificultam demais a nossa vida, dificultam demais o trabalho que estamos fazendo.

Nós temos aqui, sim, ganhos, temos excelência, temos muita competência no avanço científico. Foram mostrados aqui exemplos disso. Mas nós precisamos de mais, precisamos desenvolver e transferir. Só assim vamos fazer a inovação. Esse desafio da transferência de tecnologia é o nosso principal gargalo.



Nós não podemos também — e temos que ser realistas em relação a isto — jogar somente nas costas do Governo a responsabilidade pelo investimento em pesquisa. O setor privado precisa investir, o setor privado tem que abraçar a sua responsabilidade. Se 2% do nosso PIB é voltado para investimentos em pesquisas científicas, temos que ter 2% do setor privado também. Aí daremos saltos.

O Ministério da Ciência e Tecnologia e o Ministério da Educação construíram a lógica das unidades EMBRAPA — Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial, um mecanismo fantástico que está nos ajudando a obter parcerias diretas com o setor privado. Com isso, estamos de fato fazendo transferência de tecnologia, fazendo avançar o conhecimento que obtivemos com as nossas universidades, com os nossos estudantes, que estão trabalhando na EMBRAPA, que estão trabalhando nos institutos federais e em vários outros locais. Há muita coisa genial surgindo.

Eu participei recentemente de uma iniciativa do CDR — Centro de Desenvolvimento Regional da UnB e do CGEE — Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. Está aqui o Deputado Vitor Lippi? *(Pausa.)* Não sei se ele se encontra. Essa é, com certeza, uma ideia de avanço regional para transferência de tecnologia, para inovação, para a construção de uma sociedade mais justa.

São iniciativas desse tipo que nós temos que continuar focando, para propiciar os impactos de que a sociedade precisa.

A EMBRAPA procurou fazer um documento de visão, pensando a agricultura do futuro, a agricultura para os próximos 10 anos, 20 anos. Esse documento foi passado a todas as lideranças políticas e a todas as lideranças governamentais. Esse documento traz uma série de indicadores de qual deve ser o nosso rumo no que se refere à pesquisa agrícola, agropecuária.



Essa iniciativa, como já foi mencionado por outros atores aqui, é fundamental para essa nossa discussão com o novo Governo que vem por aí. Nós não podemos continuar com políticas governamentais, temos que continuar com políticas de Estado, com ações como o programa Renovabio, extremamente importante para a mitigação de emissões de gases de efeito estufa. Precisamos trabalhar outras iniciativas, como a EMBRAPII, por exemplo, que aproxima mais a comunidade científica do setor industrial.

Nós temos que acabar com a nossa dependência tecnológica. Tudo o que fazemos em termos de desenvolvimento tecnológico é feito com tecnologias que importamos. Nós temos competências. O Brasil já investiu em formação de pessoas. Eu falo isso porque temos 2.400 pesquisadores na EMBRAPA, a maioria deles formada pelo CNPq, pela CAPES e pelo programa que a própria EMBRAPA possui. Essas cabeças, essas competências hoje conseguem desenvolver tecnologias aqui no nosso território. A única coisa que falta é a lucidez de não cortarem os nossos recursos a cada probleminha que o País enfrenta.

Nós temos que trabalhar juntos, unidos, e aproveitar este momento político do País para apresentar alternativas para políticas públicas.

Desculpem-me V.Exas., mas quem sabe o caminho que devemos seguir são os cientistas, são os pesquisadores nacionais, não são os políticos. *(Palmas.)* Os senhores são a forma que nós temos de viabilizar o que este País precisa, mas as competências para mostrar o que precisamos estão na comunidade científica. Temos que nos abraçar para mostrar isso.

A EMBRAPA está aqui, comprometida com esta iniciativa. Estamos juntos na ciência e na tecnologia deste País. Contem conosco, inclusive para orientar a



comunidade política em relação às iniciativas de que nós precisamos para fazer o Brasil deslanchar de vez.

Eu acredito demais no nosso País, eu acredito demais na nossa competência científica e eu tenho certeza de que, se dermos continuidade a algumas dessas ações que estão sendo desenvolvidas, a alguns desses projetos que estão nesta Casa e precisam ser destravados, nós vamos dar saltos gigantescos.

Sem dúvida alguma, país nenhum do mundo tem o que nós temos: diversidade genética, diversidade na nossa capacidade de explorar o ambiente, principalmente coisas que são essenciais, como o fornecimento de alimentos, o fornecimento de energia, para a melhoria da saúde do País como um todo.

Agradeço a todos. Bom dia. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Muito obrigado.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Concedo a palavra agora à Sra. Cristina Quintella, Presidente do Fórum Nacional de Gestores de Inovação e Transferência de Tecnologia — FORTEC. Depois concederei a palavra ao Sr. Jailton Almeida e, na sequência, falarão dois Parlamentares inscritos.

A SRA. CRISTINA QUINTELLA - Bom dia a todos e a todos. Eu vou começar de maneira não tão tradicional. Eu vou olhar para aquela câmera e agradecer a todas as pessoas que estão nos dando *feedback* por meio da TV, do rádio, dos celulares, porque são elas que podem mudar o País no cotidiano.

No entanto, há alguns nomes que elas têm que ter na cabeça. O primeiro é o do Presidente Ildeu Moreira, da SBPC, que é um dos grandes motivadores da Marcha pela Ciência — atenção — e pela tecnologia. Nós somos muito bons em ciência. Porém, nós crescemos só um tiquinho no Índice Global de Inovação — um tiquinho! Nós continuamos na rabeira, porque nós não temos tecnologia. Meu colega da EMBRAPA citou muito bem: transferência de tecnologia. Ora, nós não temos financiamento para a ciência continuar a desenvolver coisas boas.

E digo mais ainda a vocês PROFNITianos e FORTECianos que estão nos ouvindo, aqueles que têm que transformar a boa ciência em algum negócio para o Brasil: nós temos que gerar PIB, temos que gerar IDH, temos que ter dinheiro entrando, se não, não há orçamento. Então, vocês que estão aí nos ouvindo, que estão mudando a realidade, foquem nisto: não nos adianta um Índice Global de Inovação tão baixo.

O pessoal do Orçamento está muito ligado ao curto prazo. Nós precisamos de dinheiro em caixa, mas nós estamos comprometendo os 10, os 20 anos futuros do Brasil — quando eu espero estar viva ainda.



Há outros nomes que todos temos que ter na cabeça, inclusive no cotidiano. O primeiro é o do Deputado Celso Pansera, que está presidindo esta sessão, e que deu toda a força para que fosse feito este trabalho. O Deputado Izalci Lucas é importantíssimo, assim como o Deputado Goulart. O Deputado Vitor Lippi, de Sorocaba, fez uma mudança radical em termos do parque tecnológico e da empresa que o gere. Deem uma olhada na Internet, pode ser um exemplo bom para vocês.

Próximo item: nós precisamos de um percentual do pré-sal. O pré-sal é nosso. Cadê o dinheiro do pré-sal? Por que não vai para a ciência e tecnologia? Os senhores vão votar neste ano em quem? Nós vamos trabalhar com quem? Nós temos que estimular isso.

Depois, peguem uma caneta e um papel, e anotem: PL 4.559/16. De novo: 4.559/16. Outro número: PL 5.876/16. Eu conclamo os senhores a encherem a caixa de *e-mail* dos Deputados e Senadores. Esses são projetos de lei que vão trazer um pouquinho mais de recursos para nós, a fim de podermos mudar a realidade brasileira.

Como a FIOCRUZ vai trabalhar, vai resolver os problemas do sarampo etc.? Na Região Norte, nós estamos com epidemias sérias. Aqui, não; no Sudeste, não; no Sul, não. Mas lá nós estamos com problemas muito sérios. Cadê o dinheiro para colocar no SUS, para usar tecnologias já desenvolvidas no Brasil? Nós precisamos disso.

Finalmente — vejo que o meu tempo está acabando —, eu quero lembrar a todos, inclusive a quem está nos gabinetes nos ouvindo, que nós ainda temos uma diferença regional muito grande no Brasil. Nós temos o pessoal mais desenvolvido, com IDH e PIB maiores, que quer ver, no curto prazo, uma série de mudanças que



estão sendo feitas cotidianamente nesta Casa. Entretanto, se parte do Brasil anda muito para frente e a outra fica, nós estamos com o nosso futuro comprometido.

Em relação ao CNPq, o Marcelo falou muito bem que nós temos que ter uma estratégia de Governo de médio e longo prazo. Não adianta ficar no curto prazo. Lembrem-se de que até no Sudeste, em São Paulo, nós temos uma heterogeneidade muito grande. Nós temos ali aqueles que têm um ou dois carros, três apartamentos, andam de helicóptero, e nós temos outros que não têm onde morar.

Ora, se nós não fazemos a ciência gerar a tecnologia e a inovação, como vai ser? Não tem como resolver isso. Nós não vamos ter novas empresas, novos empregos, novas condições de vida para um pai mandar um filho para a escola, para um pai poder sustentar a família ou ter acesso à saúde.

Quando nós falamos em marcha, em ciência e tecnologia, não pensem que nós estamos tratando de aumento de salário de professor ou nós estamos colocando mais gente nas escolas. Não é isso. Nós estamos falando de soberania nacional, ou seja, meus filhos, meus netos, seus filhos, seus netos, como vai ser o futuro deles? Os senhores querem ser um BRICS? Os senhores querem ser um país de primeiro mundo? Ou um país de terceiro mundo?

Vamos pensar nisso. Muito obrigada por esta oportunidade de falar. Realmente, foi muito bom estar aqui.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigada, Sra. Cristina Quintella.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Concedo a palavra ao Sr. Jailton Almeida, professor de Ética e especialista em Gestão Pública.

O SR. JAILTON ALMEIDA - Bom dia a todos.

Saúdo a Mesa ao saudar o Presidente. Saúdo também todos os professores, acadêmicos, todos os pesquisadores e também aquele professor de sala de aula que ainda suja as mãos de giz para tentar produzir conhecimento, levar conhecimento aos que estão nas escolas, nos diferentes lugares, nos interiores do Brasil.

Quando a humanidade precisou superar alguma dificuldade, lá estava ela. Quando foi preciso superar eras glaciais, o frio, lá estava ela, e nós aprendemos a manipular o fogo. Quando foi preciso, e a humanidade precisou, carregar grandes volumes de materiais, quando a humanidade precisou se transladar de algum lugar para outro, lá estava ela, e nós criamos a roda. Quando foi preciso, diante da complexidade dos povos das cidades, produzir mais coisas, desenvolver algo, lá estava ela, e nós criamos o motor e, com isso, uma revolução industrial. E podemos dizer isso relativamente à criação da luz elétrica, à criação da penicilina, à criação de tantas outras coisas, à criação, nos nossos tempos, da Internet. Em todos os momentos em que a humanidade precisou superar um grande desafio, esteve presente a inovação. A inovação tirou a humanidade de um *status* de dificuldade em que ela se encontrava e a levou para um caminho de superação.

Hoje, nós temos que pensar a nossa realidade a partir da inovação, do que temos de fazer.

Inovação não é só tecnologia. Inovação é muito mais que isso. A inovação é disruptiva, ela desconstrói, reconstrói, transforma.



Falamos muito aqui de várias dificuldades que nós temos, dificuldades de orçamento, dificuldade de agenda pública. Falamos de vários problemas. Mas a inovação não se subjugava a essas dificuldades. Ela vai além. Para se criar o Uber, foi preciso um grande orçamento ou uma grande universidade por trás de um grupo de 2 mil ou 5 mil pessoas? Diante de computador, dois ou três jovens com a mente totalmente aberta inovaram, promoveram transformação.

Nós não podemos, portanto, ficar presos às amarras que se colocam aqui à inovação. Nós temos que liberar a nossa criatividade, o nosso conhecimento, a nossa capacidade e ir além das dificuldades que se apresentam hoje quanto a inovação, tecnologia e ciência no Brasil.

Para falar de inovação, eu escolhi um tema específico, um gargalo que influencia todos os outros temas e atrapalha a ciência e a tecnologia. Eu escolhi falar de inovação considerando o tema da democracia e da política.

Há quantos anos a nossa democracia e a nossa política não ganham um banho de inovação? Ocorrem os mesmos arranjos, as mesmas práticas, os mesmos problemas. E eles se sobrepõem, e eles estão aí, e eles perduram, e eles sobrevivem, e nada acontece.

Há quanto tempo, na política, não se faz inovação, renovação, mudanças, quebras de paradigmas? Nós vamos sobreviver a isso por mais quantos anos, subjugando-nos a uma rotina que não favorece o desenvolvimento do Brasil?

Mas isso favorece interesses. Esta Casa, comumente chamada de Câmara dos Deputados, deveria ser não deles, mas sim do Brasil. Hoje, ela não está a serviço do Brasil, está a serviço de interesses. Isso está claro, está nas notícias de jornais, está em problemas que são visíveis.



Nós precisamos reagir. O caminho para reagir a essas dificuldades é, sem dúvida, o da inovação na democracia, na política, o de novos arranjos, mais participação social, mais democracia, direto, na fonte. E qual é a fonte da democracia? Cada cidadão brasileiro. Ele é a fonte. Você quer inovar? Escute o cidadão, os problemas dele, a realidade dele. Quer inovar? Dê chance aos nossos jovens para que prosperem, criem, inovem.

Se antes a inovação esteve presente nos momentos de dificuldade da humanidade, hoje é o momento em que o Brasil precisa de inovação. Para isso, nós contamos com os pesquisadores das universidades, com cada uma das pessoas que estão envolvidas com a ciência no Brasil.

Agora, não adianta pegar um giz, colocá-lo na mão do professor em sala de aula e dizer a ele para salvar o Brasil. Se alguém entrar em alguns laboratórios de pesquisa ou em algumas salas de aula de escolas ou universidades do Brasil, sentirá pena! Dá pena ver as condições nas quais o professor dá aula, as condições nas quais o aluno entra para fazer um experimento num laboratório. Essa é a realidade que temos hoje.

Se quisermos superar isso, se quisermos ir além, se quisermos vencer essa situação, Albert Einstein mostra um caminho. Ele diz: *“Somos arquitetos do nosso próprio destino”*. Nós não temos que terceirizar a nossa cidadania. Apesar de o nosso voto ser dado para eleger um representante, a cidadania não se terceiriza. Somos nós, cada um de nós brasileiros, que temos que pegar essa missão de mudar o Brasil hoje e levá-lo adiante, com seu esforço, cada um fazendo o seu papel, como professor ou pesquisador, e não ficar simplesmente preso a



dificuldades que o nosso País apresenta. Digo isso até porque, se nos subjugarmos, não estaremos inovando.

Para concluir, eu quero citar uma frase de um grande inovador brasileiro, Santos Dumont: *“As invenções são, sobretudo, o resultado de um trabalho teimoso”*. Hoje, o brasileiro precisa ser teimoso para continuar insistindo na mudança.

Este ano nós temos uma grande oportunidade de mudar. Que o nosso voto e que a nossa consciência na hora de transformar este Brasil sejam plenos e que renovemos e inovemos também nas urnas, porque o Brasil precisa de mudanças já.
(Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Sr. Jailton Almeida.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Quero fazer uma correção. O nosso querido Álvaro Toubes Prata é Secretário de Políticas e Programas de Pesquisa e Desenvolvimento. Portanto, no Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, atua na SEPED e não na SETEC.

Tem a palavra o Deputado Saraiva Felipe.

O SR. DEPUTADO SARAIVA FELIPE - Presidente desta sessão, Deputado Celso Pansera, nosso colega ex-Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação, cumprimento toda a Mesa ao cumprimentar o Dr. Ildeu Moreira, Presidente da SBPC, e a Dra. Nísia Trindade, Presidente da FIOCRUZ.

Eu acho muito relevante estarmos aqui com outros Deputados — sei que alguns já se revezaram na tribuna — discutindo a questão da ciência, da tecnologia, dos avanços, das ameaças, dos retrocessos, num momento de encruzilhada da vida política. Se algo é da vida política, é da vida das políticas na área de ciência e tecnologia, na área da inovação, na área da saúde, na área da educação.

O orador que me antecedeu falou muito em falta de inovação política. Eu acho que uma das razões para essa falta de inovação política é também o fato de que existe em geral um distanciamento — eu sou da academia, sou professor na UFMG há 40 anos, há muito tempo, sou filhote da FIOCRUZ —, um alheamento, da comunidade e até das entidades que representam o setor de ciência e tecnologia, quanto à realidade política ou à própria política.

É claro que aqui, na Câmara Federal, onde estamos discutindo essa marcha e o aniversário de 70 anos da SBPC, muito se diz da necessidade de lutarmos. Essa vai ter que ser uma luta feroz. Eu posso estar enganado, e o Deputado Celso tem estudado essa questão também, mas, seja qual for o Governo que se eleja para o



próximo ano, nós vamos enfrentar ameaças de cortes e vamos ter que ver onde se vai cortar e o que se vai priorizar, Deputado Odorico. Não adianta solução retórica, fácil. Bom, em relação à dívida, nós fazemos uma auditoria cidadã. Nós não temos mais dívida. Desde a época do Presidente Lula, de quem eu fui Ministro, a dívida não se refere mais a organismos internacionais ou bancos, não. Nós temos que resolver politicamente essa questão dentro do País.

Como vamos resolver a questão da Previdência? Existem relatórios que mostram um rombo monstruoso. A solução seria a retomada do entendimento de que a contribuição tem que ser tripartite: os trabalhadores pagam, os empresários também, e há o terço do Governo. A questão é que esse terço não existiu, não existe orçamentariamente. Portanto, nós vamos ter que trabalhar essa questão. Tomara que façamos isso de forma diferente, que vai depender da mobilização de vocês, para evitar que isso recaia sobre as pessoas mais vulneráveis economicamente.

Cada vez que se pensa numa reforma tributária, o risco é de que ela se torne mais recessiva. É preciso termos clareza de que é necessária a mobilização, como a que fizemos na época da Constituinte. Batalhamos para manter os recursos da área de saúde, da área de educação, da área de ciência, tecnologia e inovação

Foi dito que a Câmara inova pouco politicamente, e eu até faço um duplo percurso, pois também sou da academia, e atualmente sou até aluno de doutorado na UnB. Eu só chamo atenção para isto: esse entrosamento não deve ocorrer apenas em ocasiões especiais. Precisamos realizar uma mobilização mais ou menos como aquela que realizamos na época da Constituinte. Conseguimos avanços na área da saúde, na área da educação, na área da ciência e tecnologia.



Essa mobilização servirá para que não tenhamos retrocesso, para que essas áreas continuem vivendo, sobrevivendo e participando, o que é necessário, do progresso e do desenvolvimento do País.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Deputado Saraiva Felipe.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Concedo a palavra ao Deputado Domingos Sávio.

O SR. DEPUTADO DOMINGOS SÁVIO - Presidente, prezado Deputado Celso Pansera, cumprimento todos os componentes da Mesa ao cumprimentar o amigo e grande referência na pesquisa e no trabalho na área pública, o Dr. Marcos Cintra, Presidente da FINEP. Quero cumprimentar todos que aqui estão, neste debate extremamente importante para o nosso País.

O Deputado Saraiva já disse que se vive um momento de encruzilhada, de reflexão. É bom que a comunidade acadêmica, que pessoas que se dedicam à ciência — têm a missão, o dom, eu diria, o privilégio de pensar de forma mais ampla, o que a pesquisa exige — não só debatam o que está restrito à pesquisa e aos desafios que temos para assegurar orçamento, prioridade, respeito aos investimentos em ciência e tecnologia, pesquisa e inovação, mas também pensem o Brasil. Não tenho dúvida, até pelas falas que aqui ouvi, de que é esse o sentimento.

Foi isso que me moveu a me enveredar pelo trabalho na política. Sou um profissional das ciências agrárias e biomédicas, sou médico veterinário. No exercício da minha profissão, acabei atuando na área sindical, na do cooperativismo e vim para a política. Não tenho essa repulsa pela política, não. Pelo contrário, tenho aquele mesmo sentimento que o Papa Francisco expressou, no sentido de que essa é, sem dúvida, uma das formas mais dignas de exercício das relações humanas, mas é preciso fazê-lo com dignidade, com responsabilidade e com a verdade.

Num debate como este, numa reunião desta natureza, em que se debate ciência e tecnologia, é preciso que se reflita que é preciso cobrar prioridade sim de todos os governos, em todos os níveis. Isso requer prioridade.



Eu me lembro de que, quando me tornei Deputado Estadual, não se aplicava aquele pequeno valor de 1,5% previsto para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais — FAPEMIG há alguns anos. Brigamos, Deputado Saraiva, para que ele fosse aplicado. E foi, pelo menos durante os 8 anos em que estivemos lá. Infelizmente já o estão reduzindo de novo, fazendo cortes.

Aqui, sempre briguei ao lado do Deputado Saraiva e de outros, de todos os reitores, para que houvesse reforço no orçamento das universidades. Quanto a isso, nunca fiz de maneira apaixonada discussão de natureza partidária, não. Essa tese tem que ser colocada num nível mais elevado, assim como a discussão sobre orçamento neste País.

O Deputado Saraiva Felipe falou rapidamente sobre previdência. Deputado Saraiva, nesta Casa, a média dos salários dos servidores aposentados passa de 20 mil reais. Ninguém daqui que está aposentado recebe menos de 20 mil! É algo que nos faz cair de costas! Eu vou me aposentar em breve pelo INSS. Pago meu carnezinho do INSS. Não fiz opção pela Câmara, não. Mas eu quis discutir a reforma da Previdência. Alguns disseram: *“Não se pode nem discutir o assunto”*. Eu quis discuti-lo para acabar com privilégio, para haver responsabilidade, para fazer com que este País seja levado a sério.

Ontem, Deputado Saraiva, quase caí de costas quando ouvi uma gravação do Sr. Fernando Pimentel, que trabalhou contra a reforma da Previdência. Sabe o que ele dizia? Dizia que o problema de Minas Gerais, que está ficando pior que o Rio de Janeiro, que o problema de Minas, que não paga aos professores, que não paga o repasse da saúde para as Prefeituras, acontece porque a folha de inativos gera um rombo de 14 bilhões por ano. Ele disse textualmente: *“O nosso problema em Minas*



Gerais é a previdência pública”. Ele diz isso agora, quando está terminando o mandato, no qual trabalhou para não se discutir o assunto. Ele vem e diz que o caos em que estamos mergulhando acontece porque há um déficit de 14 bilhões por ano exclusivamente na questão previdenciária de Minas Gerais.

Presidente, concluo dizendo o seguinte: pesquisa se faz, em qualquer governo de qualquer partido, por meio de definição de prioridades. E como se obtém resultado? Com a verdade! Alguém aqui acha que se faz pesquisa com simulação, com falsidade, com mentira? Pode-se fazer política com mentiras, com *fake news*? Essa prática da política no Brasil nivela todo mundo por baixo: *“Todos os Deputados são bandidos. Esta Câmara não é do Brasil, é dos Deputados”*.

Ora, alto lá! Eu me orgulho dos meus 30 anos de trabalho com dignidade, sem que tenha sido alvo de processo — aliás, isso não é nenhuma vantagem, é obrigação. É preciso discutir previdência, discutir definição de prioridades orçamentárias com responsabilidade e não com mesquinha partidária.

Alguém acha que o caos econômico em que entramos aconteceu num piscar de olhos, com este Governo de transição que está aí, que não fui eu que elegi e que eu não queria para o Brasil? Esse caos foi construído ao longo de vários anos de irresponsabilidade absoluta e de corrupção deslavada e criminosa! E querem passar uma borracha: *“Estava tudo bem. Aí deram um golpe, e o Brasil afundou na lama”*. Não! Acendeu-se a luz e vimos que estamos no lamaçal, com a casa suja, e temos que fazer a limpeza. Mas a casa foi sendo destruída ao longo de vários e vários anos. Essa é a verdade.

Não há que se fazer uma disputa de natureza partidária, tem que haver um pouco mais de patriotismo, todos precisam se unir em favor do Brasil. E a ciência, a



pesquisa e as universidades têm essa responsabilidade. Mas isso não deve acontecer havendo paixão mesquinha de natureza partidária, com que alguns estão agindo. Não quero que hajam dessa forma partidária nem comigo nem com outro, quero que assumam um partido de defesa do Brasil e da pesquisa séria, isenta.

Portanto, Presidente Celso, conte comigo para estar ao lado de todos os Parlamentares que queiram, no caso do Orçamento, dar prioridade total à pesquisa e à inovação. Eu já fazia isso quando era Deputado Estadual, e meus colegas sabem que sempre defendi essa questão na Comissão Mista de Orçamento.

Acho que o Brasil só tem um caminho: investir na pesquisa. Riqueza nós já temos. Temos é que saber explorar essa riqueza e dividi-la com mais justiça.

Muito obrigado, Sr. Presidente. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Deputado Domingos Sávio.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Panseira) - Tem a palavra o Sr. Alexander Kellner, Diretor do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O SR. ALEXANDER KELLNER - Boa tarde a todas e a todos. É com muito prazer que estou aqui.

Saúdo toda a Mesa ao saudar o Deputado Federal Celso Panseira, um dos principais articuladores desta conversa hoje, em que falamos um pouquinho sobre ciência e desenvolvimento científico do nosso País.

Gostaria de saudar também as demais pessoas que estão presentes aqui hoje. Cumprimento especialmente o Presidente da Academia Brasileira de Ciências, Luiz Davidovich, e o Presidente da SBPC, Ildeu de Castro Moreira, verdadeiros lutadores e defensores da ciência, que levam a palavra dos pesquisadores aos diferentes extratos governamentais, mostram as nossas angústias, as nossas preocupações.

Vocês já ouviram várias pessoas falarem sobre ciência. Que mais podemos falar? Como mais uma pessoa pode contribuir nesta discussão, que é extremamente importante para o nosso País? O orçamento está minguando. Isso não é de hoje, mas agora está acontecendo de maneira cada vez preocupante para todos. Essa questão orçamentária aflige absolutamente todo mundo. Estão sucateadas universidades, instituições de pesquisa.

Mas o que a mim, pessoalmente, mais preocupa é que isso afeta o nível da pesquisa, até a pesquisa em nível muito básico. Não são só cérebros que estamos perdendo. Perdoem-me, mas fazer economia em bolsas de iniciação científica é um verdadeiro absurdo! Quantos de nós iniciamos as nossas carreiras por meio de



bolsas de iniciação científica? Estamos condenando à extinção toda uma geração de pesquisadores que nem se formou direito, nem se formou ainda. Essas situações nos angustiam bastante nesse âmbito, nessa situação adversa em que vivemos.

O que mais podemos fazer? Nós gritamos, nós falamos. Mas há um fato a respeito do qual talvez nós pesquisadores também devamos refletir um pouco. Uma das principais medidas que nós pesquisadores precisamos adotar é falar sobre o que fazemos, mostrar para a sociedade que praticamente tudo que nos cerca tem a ver com ciência, desde a comida que comemos — feijão, arroz, carne, soja — até mesmo o celular que utilizamos no dia a dia. Podemos mencionar ainda combustíveis, vacinas. O combate à zika é um exemplo maravilhoso do avanço que podemos alcançar em termos de desenvolvimento científico.

Mas também há outra maneira de se falar sobre esse tema. É por isso estou aqui hoje. Eu me refiro às instituições científicas que estão dentro daquilo que chamamos de museus.

Aliás, a instituição científica mais antiga do nosso País acaba de completar 200 anos! É o Museu Nacional, que fica situado no Parque da Quinta da Boa Vista, um parque maravilhoso, onde há fenomenal democratização de acesso à cultura e à ciência, localizado no Bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro.

Agora não resisto a fazer uma pergunta provocativa: quantos de vocês já estiveram no Museu Nacional, incluindo os da Mesa? Podem levantar a mão. *(Pausa.)* Menos da metade! Este é o ponto: a visibilidade que as instituições científicas e também os museus têm que alcançar.

Esse equipamento científico e cultural é muito utilizado nos países da Europa, da América do Norte, da Ásia. Milhões de pessoas visitam o Louvre, visitam o Museu



Americano de História Natural, visitam o Smithsonian. Por que isso também não ocorre em nosso País? Por que o Brasil não pode ter um museu de história natural de grande qualidade?

Por essa instituição que foi fundada por D. João VI no Rio de Janeiro em 6 de junho de 1808 passou D. Pedro I, o primeiro Imperador do nosso País. D. Pedro II nasceu ali. A Princesa Isabel, que assinou a Lei Áurea, também nasceu onde atualmente fica a sede do Museu Nacional. Isto agora vale para os Deputados que estão aqui presentes: foi ali, no Paço de São Cristóvão, de 1889 até 1891, que se deu a primeira Assembleia Constituinte republicana. A gênese do nosso País, portanto, está nessa primeira instituição científica do Brasil.

Nós temos sempre que ter em mente que qualquer instituição do nível de um museu — o Museu Nacional é assim — tem que dialogar melhor com a sociedade. Mas como é que se faz isso se existem essas drásticas limitações orçamentárias que nos afligem? Hoje, o Museu Nacional, a instituição científica mais antiga do nosso País, precisa de ajuda. Como é que se faz isso se há todo esse corte de verbas que atinge todos nós?

É sempre bom lembrar que museu que não dialoga com a sociedade está condenado à extinção. Por outro lado, uma sociedade que não investe em instituições como os museus já está, pelo menos parcialmente, em termos culturais, em termos científicos, condenada à extinção. Eu acho que isso tem que ser bem lembrado e enfatizado em todos os momentos.

Por fim, eu tenho que dizer aquilo que várias pessoas já comentaram aqui. É sempre bom lembrar isto: ciência não tem partido, e, sem ciência, não há futuro.

Muito obrigado. (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Alexander Kellner.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Nós estamos concluindo o período das falas dos convidados. Para nós é uma honra ouvi-los. Quero dizer a todos que, se pudéssemos, ficaríamos aqui a tarde inteira ouvindo-os.

Praticamente de todas as entidades convidadas vieram representantes. Este é um momento importante para a Casa. Tudo fica registrado nos Anais da Câmara. Além disso, o evento está sendo transmitido pela Internet e pela televisão. Na minha página do Facebook vi que mais de 6 mil pessoas estão nos assistindo. É muita gente assistindo a esta sessão. Para nós é uma honra promover este evento.

Com a palavra o Deputado Odorico Monteiro. Na sequência, falará a Sra. Tamara Naiz.

O SR. DEPUTADO ODORICO MONTEIRO - Obrigado, Presidente Celso Pansera. Quero parabenizá-lo pela iniciativa de requerer a realização desta Comissão Geral sobre o tema *Marcha para a Ciência: o presente e o futuro do setor de Ciência e Tecnologia no País*. Temos também que fazer uma pequena reflexão sobre o nosso passado.

Quero saudar o Marcelo Marcos, do CNPq; o Abílio Neves, da CAPES; o Ildeu Moreira, da SBPC. A respeito da parceria que fizemos, convido a todos para a exposição relativa aos 70 anos da SBPC, na entrada da Casa, próximo à Taquigrafia.

Saúdo também a minha chefe, a minha querida Nísia Trindade. Eu me orgulho muito de ter dois chapéus: o de Deputado, que estou, e o da FIOCRUZ, que sou. Mesmo com a nossa luta nesta Casa, Deputado Saraiva, continuo participando do programa de pós-graduação da FIOCRUZ.



Quero aproveitar a oportunidade para parabenizar a Nísia pela inauguração de novas instalações no Estado do Ceará. Eu diria que um dos grandes legados do Presidente Lula foi a nacionalização e a internacionalização da FIOCRUZ. O Ceará se beneficiou dessa estratégia do Presidente Lula, que, em 2008, autorizou a criação de um polo da FIOCRUZ no Ceará. Numa parceria com o ex-Governador Cid Gomes e com o atual Governador Camilo Santana, a Profa. Nísia Trindade entregou ao povo do Ceará e do Nordeste um belíssimo polo de desenvolvimento tecnológico, inovação e saúde da FIOCRUZ.

Quero saudar também o nosso querido Marcos Cintra, Presidente da FINEP. Temos que parabenizar a FINEP por também buscar a nacionalização. A criação do escritório no Nordeste, no Ceará, e a criação do escritório no Centro-Oeste, aqui em Brasília, fazem com que os pesquisadores e as empresas possam ter acesso à FINEP. É a FINEP verdadeiramente construindo esse grande vetor de incentivo à inovação e à parceria com as empresas.

Eu queria dizer do desafio que é fazer a Marcha pela Ciência neste momento, um momento de grave crise, Deputado Saraiva Felipe. Nós estamos vivendo o período pós-golpe parlamentar. Não podemos simplificar e ir para o discurso raso de que foi um golpe. Não. Foi um golpe parlamentar claro, de uma agenda que foi derrotada. Essa agenda quis se impor nesta Casa através desse golpe. A agenda que foi derrotada quis se impor nesta Casa congelando por 20 anos os recursos da Seguridade Social, rasgando um dos capítulos da Constituição Federal de 1988 que eu chamo de “a joia da coroa”, que é a Seguridade Social, além de tirar dinheiro da ciência e da tecnologia.



Nós temos que pensar um pouco no passado para nos posicionarmos no presente e programarmos o futuro. Este País fez a opção, que eu considero equivocada, de abandonar a ciência e tecnologia, para ser um país produtor de *commodities*. Não que isso seja ruim, mas uma coisa não pode excluir a outra.

Nós perdemos, Prof. Celso Pansera, nosso ex-Ministro, janelas de oportunidades singulares no século XX. Não conseguimos embarcar a tecnologia em uma locomotiva de metrô! O que há de tecnologia para ser embarcada numa locomotiva de metrô? Os trilhos vêm da China, e a locomotiva vem da Europa porque não investimos em ciência e tecnologia, não optamos por ter a nossa autonomia e a nossa independência no campo tecnológico. Optamos por ser colonizados do ponto de vista tecnológico.

Perdemos a oportunidade que foi para a humanidade o trem no século XX. Agora vai ser o *drone*. Daqui a pouco vamos perder a janela da inteligência artificial.

Perdemos a janela de oportunidade da química fina. Na produção de 93% dos medicamentos feitos no Brasil há envelopamento de sais da Índia. Porque não investimos em ciência e tecnologia.

Perdemos a janela de oportunidade de desenvolver os semicondutores. Todo mundo sabe a quantidade de conhecimento que a UNICAMP e a USP produziram na área da tecnologia de semicondutores, mas não conseguimos transformar o conhecimento em produto, porque nunca investimos em P&D a ponto de a pesquisa, de a ciência se transformar em desenvolvimento para a sociedade. Optamos pela colonização.



Eu me preocupo muito porque acho que, daqui a pouco, vamos perder a janela de oportunidade da inteligência artificial e vamos consumir algoritmos produzidos lá fora.

Não é por falta de cérebro, é por falta de prioridade política que isso acontece. Nós temos que entender que ciência e tecnologia são soberania nacional, que passam por isso. Onde quisemos investir nós conseguimos resultados. É o caso do petróleo. E agora estamos entregando conhecimento, a joia da coroa.

Parece-me que, com o golpe, tudo o que era joia da coroa da República foi rasgado ou foi entregue. O golpe rasgou a Constituição no Capítulo da Seguridade Social, rasgou os direitos trabalhistas na reforma trabalhista, entregou o pré-sal nesta Casa — dá vontade de chorar quando somos derrotados nesta Casa. Entregaram a nossa riqueza, que poderia ser transformada em educação, para dar oportunidades, para universalizar o ensino de tempo integral para a nossa juventude, para expandir as universidades e os institutos federais e dar oportunidades para a nossa juventude. Mas nós optamos por entregar o pré-sal às petroleiras. E com isso vai junto a soberania nacional, com isso vão juntas a ciência e a tecnologia desse campo estratégico, do setor de óleo e gás.

Em 2013, o orçamento da área de ciência e tecnologia era de 9,2 bilhões. O orçamento pós-golpe é de 4,1 bilhões. Isso representa a soberania nacional sendo entregue, indo pelo ralo.

Em 2013, as nossas universidades tinham um orçamento de 8,7 bilhões. O orçamento de 2017 foi de 6 bilhões.

Isso é, sem dúvida nenhuma, um grande desafio. Eu queria concluir, Sr. Presidente, apresentando três propostas para o futuro.



Nós estamos vivendo um momento de crise política estrutural, de crise institucional estrutural — vimos o sufoco que este País viveu no fim de semana, no limite da ruptura institucional — e de crise econômica também estrutural. São três crises. No processo de pós-redemocratização, Deputado Saraiva, não vivemos isso. Em 1992, vivemos uma crise política conjuntural, uma crise econômica estrutural. Veio o Plano Real e resolveu. O Governo Lula, em 2005, enfrentou uma crise política, mas a economia estava bem. Agora, no processo pós-golpe profundo, nós temos três crises.

Vamos pedir iluminação à sociedade brasileira, para que ela possa fazer essa travessia sem prejudicar a democracia. Ainda bem que a sociedade brasileira não se iludiu, mas ela está com o golpe travado na garganta, na goela, e vai dar o troco, com certeza, em 2018. O País tem que voltar a crescer, com desenvolvimento e distribuição de renda.

Eu queria propor, Presidente Celso Pansera, três agendas. Em primeiro lugar, acho que nós temos que cerrar fileiras na defesa da realização, em 2019, de um referendo sobre a revogação da Emenda Constitucional nº 95. Precisamos revogar a Emenda Constitucional nº 95. (*Palmas.*) Ela representa uma ameaça à ciência e tecnologia, ela representa uma ameaça à nossa soberania e à educação dos nossos jovens.

Milhões de brasileiros vão morrer à míngua, como se diz lá no sertão, porque não terão assistência nem socorro, porque não vai ter condições o estratégico Sistema Único de Saúde de aliviar o sofrimento das pessoas.

Proponho também que nós lutemos para recompor imediatamente o orçamento da área de ciência e tecnologia, no mínimo nos patamares de 2013. No



mínimo. Nós temos que lutar para recompor esse orçamento. Isso é urgente. Essa é uma luta nossa. Vejam o sofrimento que foi tentar recompor aqui 4 milhões do orçamento para manter nossos físicos na Suíça, que dispõem de laboratório quase de graça. Só para manter os laboratórios.

Por último, eu estou convencido de que nós temos que criar o plano decenal de ciência e tecnologia no Brasil. Foi aprovado um projeto nosso esta semana, na Comissão de Seguridade Social e Família, sobre a criação do Plano Nacional Decenal de Saúde. Um país como o Brasil tem um desenho interfederativo extremamente complexo.

Quando falamos de ciência e tecnologia, temos que falar de ciência e tecnologia na União, nos Estados e em alguns Municípios que são cidades-Estado, como São Paulo. Se somados estrategicamente, o orçamento da União e o do Estado podem representar orçamentos importantes para a área de ciência e tecnologia.

Eu proponho, Presidente Celso Pansera, que reunamos um grupo de Deputados para aprovar nesta Casa o plano decenal a que me referi.

A instabilidade política no nosso País tem sido muito grande. Vejam só: na gestão de um sistema complexo como o do SUS passa um Ministro por ano. Em 2013, o Ministro Alexandre Padilha; em 2014, o Ministro Arthur Chioro; em 2015, o Ministro Marcelo Castro; em 2017, o Ministro Ricardo Barros; em 2018, o Ministro Gilberto Occhi; em 2019, o Ministro que vai vir com o novo Presidente da República. É um Ministro por ano. E cada Ministro que chega tem o seu plano, como se fosse um plano de Estado, como se fosse, no mínimo, um plano de governo, de acordo com a conjuntura do momento.



Nós precisamos construir, em algumas áreas estratégicas deste País, um plano de Estado, que seja debatido com a sociedade e transformado em lei, como foi o Plano Decenal de Educação.

Nós podemos sair daqui com três propostas: a de lutarmos para revogar a Emenda Constitucional nº 95; a de lutarmos para recompor o orçamento da área de ciência e tecnologia, nos patamares de 2013; e a de produzirmos nesta Casa, com o conjunto dos Deputados, um projeto de lei sobre a criação de um plano decenal de ciência e tecnologia no País. Que seja aprovado no Congresso Nacional e transformado em lei.

Que nós discutamos os planos estaduais de ciência e tecnologia nos Estados, que escolhamos os grandes Municípios, aqueles com população acima de 1 milhão de habitantes, que possam ter também planos de ciência e tecnologia, para manter a coerência interna, entre o plano nacional e os planos estaduais.

Vivam a ciência e a tecnologia deste País!

A duras penas, com grande esforço, muitos cientistas têm produzido muita coisa. Nós precisamos lutar por políticas públicas que, associadas a esse conjunto de cientistas, mudem a nossa realidade.

Obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Deputado Odorico Monteiro.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Vou ler agora mensagem do Deputado Sibá Machado:

Em nome do Prof. Ildeu Moreira, Presidente da SBPC, cumprimento a Mesa e todos os presentes a essa Comissão Geral.

Infelizmente não consegui cancelar compromisso de hoje no Acre porque se trata de uma agenda que não depende apenas da minha participação.

Acompanho com grande preocupação os cortes frequentes de recursos que o Governo Temer vem fazendo quanto a investimentos em pesquisa e o desmonte de setores estratégicos para o nosso desenvolvimento.

Reafirmo aqui meu compromisso com essa luta. Contem sempre comigo.

Um abraço a todas e a todos.

Sibá Machado

Deputado Federal — PT-AC



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Concedo a palavra à Sra. Tamara Naiz.

A SRA. TAMARA NAIZ - Boa tarde a todas e a todos.

Eu quero agradecer o convite, Deputado Pansera, e registrar que esta é uma data muito importante, que temos de comemorar. Nós comemoramos hoje os 70 anos da SBPC e também, como disse a Flávia aqui, os 32 anos da ANPG, uma entidade que foi forjada, foi formada, começou a existir dentro da SBPC. Este é, portanto, um dia relevante.

Este é um tema importante, tratado num espaço muito importante, que é esta Casa, a Casa do Povo, lugar onde legislamos e pensamos as questões do nosso País. Acho que seria importante, num momento como este, ter este plenário cheio de Deputados. Sabemos do distanciamento que existe, infelizmente, entre a representação parlamentar e muitos dos anseios do nosso povo, da nossa população, entre eles os da defesa do nosso futuro, do desenvolvimento da nossa ciência.

Hoje é dia de comemorar, mas, como todos aqui disseram, é preciso registrar o momento difícil que o Brasil atravessa. Nós jovens pesquisadores e pesquisadoras brasileiras muitas vezes olhamos para o futuro com muita desilusão, porque sentimos que está havendo a desconstrução do nosso futuro, devido à falta de oportunidades. As placas onde se lê “não há vagas” crescem por todo o País.

Mas é preciso, num momento como o que estamos vivendo, de sucateamento da nossa educação, da nossa saúde e da nossa ciência, que também tenhamos força para resistir, para reagir e para construir uma situação diferente. Nós,



justamente neste momento, devemos resistir e fortalecer a defesa da nossa universidade pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada.

A universidade é um espaço de vanguarda, uma instituição construída a partir de um compromisso público de alavancar o desenvolvimento por meio da formação de pessoas qualificadas, por meio da pesquisa comprometida, por meio da extensão dos seus serviços para a comunidade. É um momento justamente de resistir e de reafirmar a defesa incondicional da nossa ciência, da tecnologia e da inovação no nosso País.

Nós sabemos que, sem ciência, não existe futuro. Sem ciência, não existem soluções para os nossos problemas. Sem ciência, não existe transporte de qualidade, não existe educação de qualidade, não existe saúde pública, não existe medicamento, não existe planejamento urbano, não existe combate às epidemias, ou seja, sem ciência, não existe solução, não existe futuro.

É por isso que esta data, que é uma data de reflexão, de pensamento sobre o presente e o futuro da nossa ciência, também é uma data de comemoração. Temos que reafirmar as entidades e as pessoas que fazem essa defesa com afinco, que se dedicam às suas pesquisas e também à nossa ciência. Nós temos que reafirmar essa necessidade e defender essas entidades.

É dia também de pensarmos que é preciso construir algo diferente, um futuro diferente. Nós temos que pensar um novo projeto nacional de desenvolvimento para o nosso País, um projeto inclusivo, sustentado e soberano, porque, sem ciência, tecnologia e inovação, não há soberania. Qualquer país que não invista em ciência não terá condições de altivez. Podemos estar condicionados, como alguns disseram



aqui, a uma nova colonização, em que dependemos das tecnologias produzidas por outros países.

Nós temos hoje que, ao mesmo tempo em que comemoramos, reafirmar a defesa da ciência, da universidade pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada. Mais que isso, temos que nos desafiar a construir soluções e caminhos diante das crises e fazer dessas crises um espaço e um momento para se pensar em oportunidades, como faziam os chineses — cada crise é um momento para se pensar diferente. Este momento de crise que a ciência e a universidade brasileira atravessam é um momento para pensarmos diferente, pensarmos nas oportunidades, nas soluções e nas lições que vamos tirar desta crise. Além disso, temos que ter certeza de que a educação e a ciência são fundamentais para gerar oportunidades, conhecimento, riquezas.

Algumas pessoas aqui falaram sobre a nossa baixa intensidade tecnológica. Temos que reafirmar, neste momento, a necessidade dos investimentos em educação e ciência, para construirmos mais oportunidades, mais conhecimento e mais riquezas. Que essas oportunidades, esse conhecimento, essas riquezas estejam sim a serviço da construção de um Brasil mais justo e mais digno para a nossa população, porque sabemos que com educação e ciência podemos construir um futuro mais bonito, mais digno e mais igualitário.

Obrigada.

Vida longa à SBPC! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Tamara Naiz, ex-Presidente da Associação Nacional de Pós-Graduandos — ANPG.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Vou conceder a palavra ao Sr. Fernando Moraes Santos, Secretário-Geral do Fórum de Entidades de Ciência e Tecnologia. Na sequência, falará o Sr. José Luiz Ribeiro Filho, da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa — RNP. Peço, desde já, escusas pela demora do nosso evento.

Tem a palavra o Sr. Fernando Moraes Santos.

O SR. FERNANDO MORAIS SANTOS - Primeiramente, o fórum de C&T, ao saudar o Deputado Celso Pansera, saúda os Parlamentares presentes e os demais participantes que ficaram aqui até o final deste evento.

Eu represento o Fórum Nacional das Entidades Sindicais da Carreira de C&T. Envolve aproximadamente 20 mil servidores da carreira de C&T e mais 20 mil ou 25 mil servidores das demais carreiras relacionadas, por exemplo, à FIOCRUZ, ao INMETRO, ao IBGE, a outras entidades de ciência e tecnologia.

Temos participado, como fórum, ao longo de mais de 20 anos, de uma série de eventos em defesa da C&T. Ao longo desses 20 anos, já ouvimos vários discursos, já vimos de tudo. Já participamos de tudo o que tem acontecido nesta Casa, em Brasília e em outros locais. Já fomos a mais de 15 reuniões da SBPC pelo Brasil afora, numa época em que os Presidentes da República compareciam às reuniões da SBPC. O Presidente da República não tinha medo de encontrar os cientistas, de ser orientado, de ser cobrado a respeito do que devia fazer. Hoje em dia, isso está bastante difícil.

O fórum tem participado, ao longo desse tempo, dessa luta e observado uma série de coisas. Há muitos discursos! Todos esses discursos defendem a C&T, defendem a educação. Mas o que nós notamos — esta é a avaliação de todo o fórum de C&T — é que a situação piora ano a ano.



Nesta Casa, eu já participei de umas cinco audiências públicas para defender o programa espacial, o programa nuclear, a área de ciência e tecnologia como um todo, mas, hoje, ocorre um desastre. Eu sou do INPE. Na minha opinião, o INPE está jogado às traças. O Diretor do INPE não pode falar isto, mas eu posso! O INPE está jogado às traças. Eu não tenho dinheiro para fazer manutenção nos laboratórios espalhados pelo Brasil afora. Agora, e o INPA? E o INCA? E a CNEN? Um desastre! A situação está indo de mal a pior.

Deputado, eu gostaria, se tivesse poder para tal, que, num dia em que houvesse nesta Casa uma sessão de aprovação de emendas parlamentares — não estou sendo maldoso, não, estou sendo realista e sonhador —, de determinar que se fechassem as portas de entrada e saída por 40 minutos, somente por 40 minutos. Eu concederia então, repito, se eu tivesse poder para tanto, a palavra ao Presidente da ABC, ao Presidente da SBPC e ao Presidente da ANDIFES. Cada um deles falaria por 10 minutos. Depois, haveria 10 minutos de silêncio e reflexão. Só isso! Alguma coisa ia acontecer! Ou os três seriam trucidados ou alguma coisa real aconteceria nesta Casa em defesa da C&T e das universidades.

Agora, eu não vejo grande possibilidade de isso acontecer, porque, como eu ouvi de um Parlamentar, as posições tomadas nesta Casa, muitas delas, não são de ódio, não são de briga, são só de interesse pessoal. E a C&T não é de interesse pessoal dos Parlamentares, a não ser desse grupo heroico, quixotesco até, que faz essa luta.

Eu gostaria que a SBPC, a ABC e a ANDIFES formassem um tripé de luta política. Luta política pura e simples! Fariam a aglutinação de todas as forças. Falou-se em chamar os sindicatos. Os grandes sindicatos e os sindicatos de



representação menor, tanto no serviço público quanto na iniciativa privada, estão dispostos a defender a C&T, mas têm que ter os elementos aglutinadores, que são a SBPC, a ANDIFES e a ABC, pelo menos esses três. Que puxem essa luta!

A reunião da SBPC deste ano será focada na luta reivindicatória. Agora, nós precisamos da luta política! Sem essa luta política de inserção, nós não vamos conseguir nada, vamos ficar patinando. Têm que aglutinar e chamar para a luta política.

Não tenho muito mais a acrescentar porque todo mundo esmiuçou tudo. Então, encerro minha fala agradecendo esta oportunidade. Vamos continuar nesta luta, que é o único objetivo que nós temos.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Fernando Moraes Santos, Secretário-Geral do Fórum de Entidades de Ciência e Tecnologia, representante dos trabalhadores da área.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Com a palavra o Sr. José Luiz Ribeiro Filho, da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa — RNP. Na sequência, vou conceder a palavra ao Sr. André Côrtes Beretta.

O SR. JOSÉ LUIZ RIBEIRO FILHO - Digníssimo Deputado Celso Pansera, quero agradecer-lhe, em nome da RNP, e cumprimentá-lo pela iniciativa da Marcha pela Ciência e pela realização desta Comissão Geral na Casa. Em seu nome, cumprimento todos os Parlamentares desta Casa. Ao Prof. Ildeu de Castro Moreira, quero agradecer a presença aqui. Cumprimento, ainda, toda a nossa comunidade.

É com grande preocupação e apreensão que nos apresentamos perante esta Comissão Geral certos de que conseguiremos sensibilizar os digníssimos representantes do nosso povo para a importância e o valor estratégico da pesquisa e o desenvolvimento da ciência no País, especialmente como componente de um projeto de inserção e participação da nossa comunidade científica no mundo globalizado.

A Rede Nacional de Ensino e Pesquisa nasceu em 1989 como um projeto do CNPq, que tinha como propósito promover a colaboração entre pesquisadores e professores das instituições de ensino superior e centros de pesquisa no País, através do uso de tecnologias de comunicação e informação.

Em 1992 entrou em operação a primeira espinha dorsal da Internet no Brasil, dedicada ao uso acadêmico.

Ao longo dos últimos 26 anos, a RNP constituiu-se como instituição vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, tendo contribuído para a implantação e consolidação da Internet comercial no País. Nesse período, ampliou a sua capacidade e cobertura, atingindo atualmente mais de 1.500 *campi* e



4 milhões de alunos, professores e pesquisadores, que colaboram, através da Rede Ipê, desde os mais remotos recantos do território nacional, entre si e com pesquisadores em outros países, através de redes similares em todo o mundo.

Os resultados dos investimentos realizados pelo Programa Interministerial, formado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, Ministério da Educação, Ministério da Cultura, Ministério da Saúde e Ministério da Defesa, demonstram inequivocamente a capacidade de racionalização de recursos públicos, promovendo economicidade e ganhos de escala que, de outra forma, representariam uma despesa cerca de uma vez e meia maior, possivelmente sem atingir todos os *campi* atualmente servidos pela RNP.

Cabe destacar, neste aspecto, o Projeto Amazônia Conectada, coordenado pelo Exército Brasileiro, que desenvolvemos em parceria e que é pioneiro no lançamento de cabos de fibras ópticas no leito do Rio Amazonas, com tecnologia nacional, incluindo instituições ribeirinhas em toda Amazônia.

O recém-lançado Programa de Inovação Educação Conectada, do MEC, poderá ampliar a cobertura da rede da RNP para o interior do País, estendendo o acesso à rede para além das instituições de ensino superior e pesquisa e compartilhando nossos ganhos de escala para escolas, postos de saúde e outras ações públicas. Assim, são impulsionados arranjos produtivos locais com a ampliação da oferta e da capacidade de acesso à Internet nas regiões atendidas.

Entretanto, a atuação da RNP não se limita à conexão do sistema brasileiro de educação superior, ciência e tecnologia. A dimensão da inovação, consequência prática dos resultados de pesquisas aplicadas que promovem o empreendedorismo, constitui um dos atuais desafios da RNP para o qual investimentos são necessários,



a fim de que o Brasil possa gerar produtos e serviços capazes de competir em escala mundial e produzir resultados positivos para a nossa economia, a exemplo do que fazem países como os Estados Unidos, Canadá, Alemanha, França, Inglaterra, Espanha e China, para citar alguns.

Atualmente a RNP hospeda, em parceria com a CAPES, o maior portal do mundo de acesso a publicações científicas para a nossa comunidade. Promove mensalmente, por meio da Rede Universitária de Telessaúde, mais de 50 reuniões virtuais entre profissionais da área de saúde, com cerca de 46 especialidades, em que são discutidos casos clínicos, transmitidas cirurgias e aulas, bem como disseminadas orientações para o combate a epidemias e surtos como o do vírus H1N1, da zika e da *chikungunya*.

Concluindo, os investimentos realizados pelo Brasil nessa infraestrutura, ao longo de 26 anos, representa uma conquista e um patrimônio de valor incalculável para a comunidade científica brasileira, que se beneficia do estado da arte em tecnologias de informação e comunicação para o ensino e o desenvolvimento de pesquisas de classe mundial.

A interrupção, ou mesmo redução, dos investimentos mínimos que já vêm sendo realizados desde a crise de 2016 nos sistemas de suporte à pesquisa científica no Brasil representarão um grande retrocesso para os resultados das inúmeras pesquisas em andamento no País, bem como para o desenvolvimento do empreendedorismo inovador, comprometendo, em médio e longo prazo, o crescimento econômico do País e nossa participação na economia global.

Muito obrigado. (*Palmas.*)



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Obrigado, Sr. José Luiz Ribeiro Filho, Diretor de Serviços e Soluções da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa — RNP, importantíssima para a infraestrutura de pesquisa neste País.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Celso Pansera) - Concedo a palavra ao Sr. Daniel Cortes Beretta. (*Pausa.*) Ele não se encontra.

Antes de fazer o encerramento deste nosso segundo evento da Marcha pela Ciência, aqui na Câmara dos Deputados, quero dizer que foi muito satisfatória esta Comissão Geral. Foram mais de 30 falas. Foi extenso o debate.

Eu dizia ao Presidente da SBPC, Ildeu de Castro, que nós temos que repetir esta reunião todos os anos. No ano passado também fiz isso, na semana anterior à da Reunião Anual da SBPC. Desta vez, nós fizemos 2 semanas antes porque, na semana que vem, não haverá atividade na Câmara dos Deputados.

Quero fazer uma reivindicação à SBPC: que inclua essa atividade como parte da Reunião Anual, ou seja, que seja incorporada esta atividade da Câmara dos Deputados como parte da atividade da comunidade científica, para que ampliemos o eco, dentro do Parlamento brasileiro, do debate da ciência, da tecnologia e da inovação.

Queria agradecer a todos pela presença e fazer uma homenagem especial à minha querida amiga Helena Nader, que esteve aqui no ano passado como Presidente da SBPC e tem sido uma grande lutadora, uma grande defensora da ciência brasileira. Um grande abraço e um grande beijo àquela que continua sendo para nós uma grande referência dessa luta pelo Brasil afora. Parabéns, querida Helena Nader! (*Palmas.*)

Queria agradecer imensamente à Mariana pelo apoio fundamental, ao Gerson, que eu acho que já saiu, e aos demais assessores das entidades de ciência e tecnologia.



Agora a Mariana irá conduzi-los até a exposição. Infelizmente, eu tenho que sair correndo daqui. Não posso perder o meu voo, às 14h20min, porque tenho uma reunião no Rio de Janeiro.

Obrigado a todas e a todos. Até a próxima! (*Palmas.*)



V - ENCERRAMENTO

O SR. PRESIDENTE (Celso Pansera) - Tendo sido alcançado o objetivo da presente Comissão Geral, vou encerrar a sessão.



O SR. PRESIDENTE (Celso Pansera) - Está encerrada a sessão.

(Encerra-se a sessão às 13 horas e 8 minutos.)